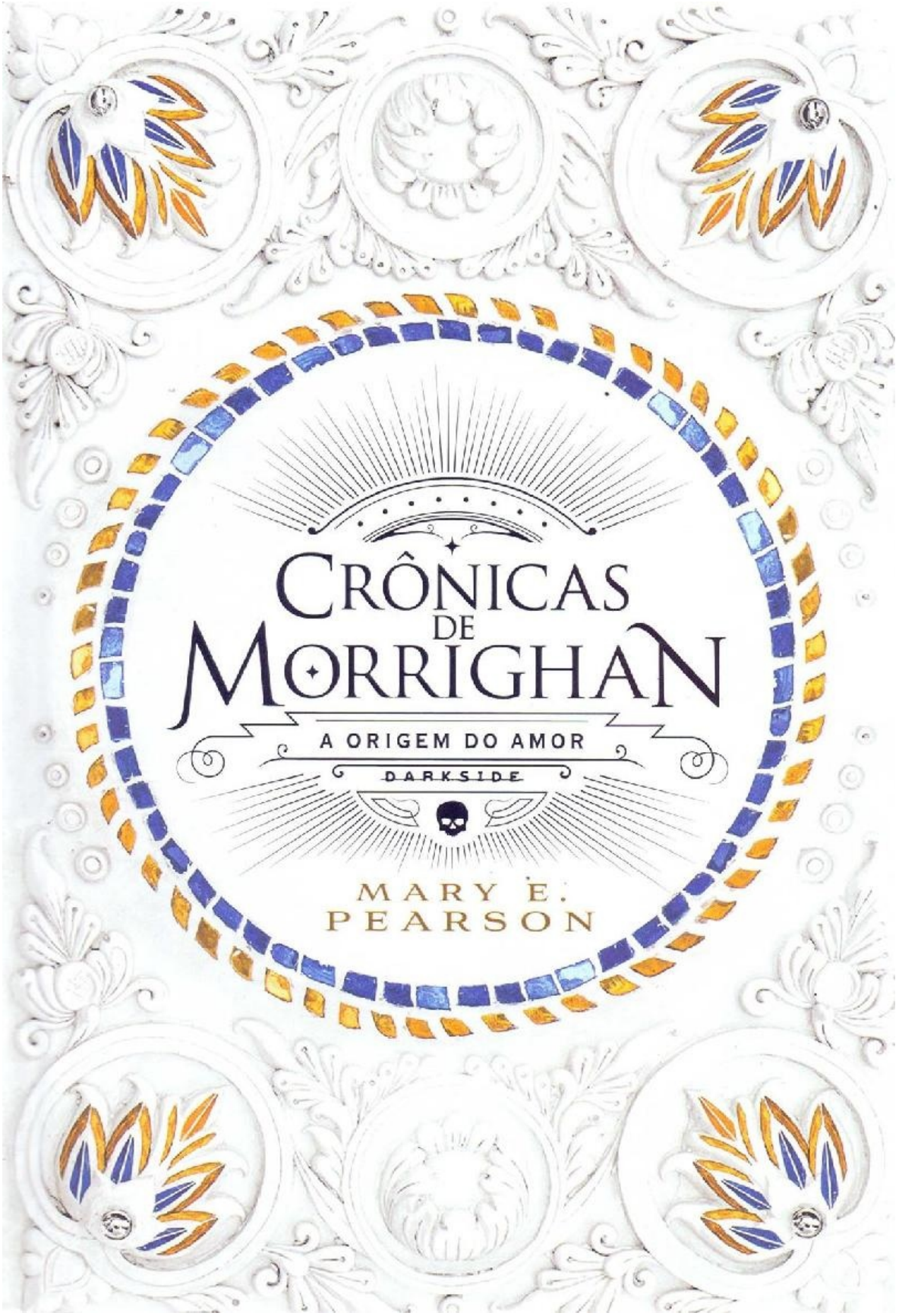
upload


CRÔNICAS
DE
MORRIGHAN
A ORIGEM DO AMOR
DARKSIDE
MARY E.
PEARSON

Antes de fronteiras terem sido traçadas, antes de tratados terem sido assinados, antes que novas guerras fossem travadas, antes mesmo que o reino dos Remanescentes nascesse e o mundo dos Antigos fosse apenas memórias nebulosas transformadas em contos e lendas, uma menina e sua família lutou para sobreviver.

E o nome dessa menina era Morrighan.

Em *Morrighan*, uma prequela das Crônicas de Amor e Ódio, uma garota e um garoto de acampamentos inimigos se conhecem, se apaixonam – e fazem a história acontecer.

Capítulo 1

MORRIGHAN

Eu tinha oito anos de idade na primeira vez que o vi. Naquele momento aterrorizante, eu estava certa de que morreria. Ele era um abutre, e eu nunca havia estado tão perto de um antes. Sozinha. Eu não tinha nada para me defender, exceto por algumas pedras que estavam próximas aos meus pés, e estava paralisada demais pelo medo para me abaixar e pegá-las. Mas um punhado de pedras não teria me ajudado muito de qualquer maneira. Vi a faca embainhada em sua cintura.

Ele ficou parado em cima de uma rocha, olhando para baixo com curiosidade, me estudando. Com o peito nu e com seus cabelos selvagemente embaraçados, ele era a figura feroz sobre a qual haviam me advertido, mesmo que fosse pouco mais que uma criança. Seu peito era estreito e suas costelas poderiam ser facilmente contadas.

Ouvi o distante retumbar de cascos, e medo vibrou através de mim. Mais estavam vindo, e não havia lugar para correr. Eu estava encurralada, me encolhendo entre duas pedras em uma abertura escura embaixo dele. Eu não respirava. Não me movia. Eu não conseguia nem tirar meu olhar dele. Eu estava totalmente sem saída, um coelho silencioso efetivamente caçado e encurralado. Eu iria morrer. Ele olhou para o saco de sementes que eu havia passado a manhã recolhendo. Em meu terror e pressa eu o havia derrubado, e as sementes se espalharam entre as pedras.

O olhar do garoto se ergueu, e o som de cavalos e vozes encheu meus ouvidos.

— Você conseguiu alguma coisa? — Uma voz alta. Uma que a Ama odeia.

Aquela da qual ela e os outros cochicham. Aquela que roubou Venda.

— Eles se dispersaram. Não consegui alcançar. — O garoto falou.

Outra voz repulsiva.

— E nada foi deixado para trás?

O garoto balançou a cabeça.

Houve mais gritos de descontentamento e o ressoar de cascos novamente.

Partindo. Eles estavam partindo. O garoto desceu da pedra e também partiu, sem mais um olhar ou palavra para mim, seu rosto deliberadamente virado em outra direção, quase como se estivesse envergonhado.

* * *

Eu não o vi novamente por dois anos. Estar tão próxima ao perigo instilou uma forte dose de medo em mim, e eu não vaguei para longe da tribo novamente.

Pelo menos, não até um dia quente de primavera. Os abutres pareciam ter seguido em frente. Não havíamos visto nenhum sinal deles desde a primeira geada do outono.

Mas ali estava ele, uma cabeça mais alto e tentando arrancar taboas da minha lagoa favorita. Seu cabelo loiro havia crescido mais selvagemente, seus ombros estavam ligeiramente mais largos, suas costelas tão evidentes como sempre. Eu observei sua frustração crescer quando os caules que ele puxava arrebentavam um atrás do outro e ele ficava somente com pedaços inúteis de talos.

— Você é impaciente.

Ele se virou, sacando sua faca.

Mesmo na tenra idade de dez anos, eu sabia que estava correndo um risco me expondo. Eu não estava certa de por que fiz isso, especialmente quando vi seus olhos. Ferozes e famintos, não havia reconhecimento.

— Tire suas botas — eu disse. — Vou te mostrar.

Ele fez um arco com a faca no ar quando dei um passo a frente, mas eu me sentei e removi meus próprios calçados de pele de bezerro, nunca tirando meus olhos dele, pensando que eu poderia ter que correr, afinal.

Quando seu medo retrocedeu, o mesmo aconteceu com seu olhar frio e feroz, e o reconhecimento finalmente se espalhou pelo seu rosto. Eu havia mudado mais do que ele em dois anos. Ele abaixou sua faca.

— Você é a garota que estava entre as pedras.

Assenti e apontei para suas botas.

— Tire-as. Você terá que entrar na água se quiser pegar alguns bulbos.

Ele tirou suas botas e me seguiu, com a água da lagoa na altura dos joelhos, os juncos se espalhando ao nosso redor. Eu disse a ele para sentir com seus dedos do pé, para colocá-los dentro da lama para soltar o tubérculo grande e carnudo antes de puxá-lo. Nossos dedos dos pés tinham que trabalhar tanto quanto nossas mãos. Havia poucas palavras entre nós. O que havia para um abutre e uma criança dos Remanescentes dizer um ao outro? Tudo o que tínhamos em comum era a fome. Mas ele parecia entender que eu estava retribuindo o seu ato de misericórdia de dois anos atrás.

No momento em que partimos, ele tinha um saco cheio de raízes carnudas.

— Essa é minha lagoa agora, — ele disse rispidamente enquanto amarrava o saco em sua sela. — Não venha aqui novamente. — Ele cuspiu no chão para enfatizar o que estava dizendo.

Eu sabia o que ele estava realmente querendo dizer. Os outros viriam aqui agora também. Não seria seguro.

— Qual é o seu nome? — perguntei enquanto ele montava em seu cavalo.

— Você não é nada! — ele respondeu, como se tivesse escutado uma pergunta diferente saindo de meus lábios. Ele se acomodou em sua sela, então relutantemente olhou em minha direção novamente. — Jafir de Aldrid.

— E eu sou...

— Eu sei quem você é. Você é Morrighan. — Ele se afastou galopando.

Somente quatro anos depois eu o vi novamente e, durante todo esse tempo, eu me perguntei como ele sabia meu nome.

Capítulo 2

MORRIGHAN

Parecia que ter medo estava em meu sangue. Isso me deixava sempre consciente, mas, mesmo aos dez anos de idade, eu estava cansada disso. Eu me lembro que retornei ao acampamento cautelosamente naquele dia. Desde pequena, eu sabia que éramos diferentes. Era o que nos ajudava a sobreviver. Mas isso também queria dizer que pouco passava pelos outros, mesmo as coisas escondidas e não ditas. Ama, Rhiann, Carys, Oni e Nedra eram mais fortes no saber. E Venda também, mas ela já havia partido. Não falávamos dela.

Ama falou sem levantar seu olhar da cesta de feijões, seu cabelo cinza e preto puxado para trás perfeitamente em uma trança.

— Pata me disse que você deixou o acampamento enquanto eu estava fora.

— Somente até a lagoa além do muro de pedras, Ama. Não fui longe.

— Foi longe o suficiente. Leva somente um momento para um abutre te apanhar.

Nós já tivemos essa conversa muitas vezes. Os abutres eram selvagens e imprudentes, ladrões e bárbaros que roubavam o trabalho dos outros. E algumas vezes eles eram assassinos também, dependendo de seus caprichos. Nós nos escondíamos nas colinas e nas ruínas, mansos em nosso caminhar, suaves em nossas vozes, as paredes de um mundo vazio nos acobertando, e onde as paredes eram somente poeira, o mato alto nos escondia.

— Eu fui cuidadosa — sussurrei.

— O que te levou a ir até a lagoa? — ela perguntou.

Eu estava de mãos vazias. Não tinha nada para apresentar como uma razão para minha caminhada. Assim que Jafir saiu galopando, eu retornei. Eu não podia mentir para Ama. Havia tantas perguntas em seu silêncio como em suas palavras.

Ela sabia.

— Eu vi um garoto abutre lá. Ele estava dilacerando os amentilhos.

Seus olhos se ergueram rapidamente.

— Você não...

— Ele era um garoto chamado Jafir.

— Você sabe seu nome? Você falou com ele? — Ama se ergueu, espalhando os feijões que estavam em seu colo. Ela agarrou meu ombro primeiro, então puxou meu cabelo para trás, examinando meu rosto. Suas mãos andaram freneticamente pelos meus braços, procurando por ferimentos. — Você está bem? Ele te machucou? Ele te tocou? — Seus olhos estavam penetrantes de medo.

— Ama, ele não me machucou — eu disse firmemente, tentando diminuir seu medo. — Ele só me disse para não retornar à lagoa novamente. A lagoa é dele agora. E então ele partiu com um saco de tubérculos.

O rosto dela endureceu. Eu sabia o que ela estava pensando. *Eles tomam tudo*, e era verdade. Eles tomavam. Justamente quando nos acomodávamos em uma parte distante do vale, ou em uma campina, ou entre os abrigos abandonados, eles vinham até nós, roubando e espalhando terror por seu caminho. Eu estava brava comigo mesma agora por mostrar o Jafir como soltar os tubérculos. Não devíamos nada aos abutres enquanto eles haviam tomado tanta coisa de nós.

— Foi sempre assim, Ama? Eles não seriam parte dos Remanescentes também?

— Há dois tipos que sobrevivem, aqueles que perseveram e aqueles que roubam.

Ela examinou o horizonte, e seu peito se ergueu com uma longa respiração.

— Venha, me ajude a recolher os feijões. Amanhã partimos para um novo vale. Um bem distante.

Não havia vales longe o suficiente da espécie deles. Eles brotavam tão livremente como flores do cardo nas planícies.

Nedra, Oni e Pata resmungaram, mas não disseram nada. Elas respeitavam Ama porque ela era a mais velha e a cabeça de nossa tribo, a única entre nós que se lembrava de Antes. Além disso, nós estávamos acostumados a seguir em frente e procurar por um tranquilo vale de abundância. Em algum lugar deveria existir um. Ama nos disse que existia. Ela havia visto com seus próprios olhos quando

era apenas uma criança, antes da fundação da terra ter sido sacudida e antes que as estrelas caíssem do céu. Em algum lugar deveria existir um local onde estivéssemos a salvo deles.

Capítulo 3

JAFIR

Limpei o sangue que escorria do meu nariz. Eu sabia que não deveria sacar minha faca — mas eu não seria uma cabeça mais baixo do que Steffan para sempre.

Ele parecia saber isso também. Sua mão vinha com menos frequência esses dias.

— Você esteve fora o dia todo, e tem somente um saco de raízes? — ele gritou.

Piers soprou seu cachimbo, se regozijando com a exibição de Steffan.

— É mais do que eu vejo pendurado na sua mão.

Os outros riram, esperando que o insulto elevasse a ira de Steffan em uma briga, mas ele só replicou a observação de Piers com desgosto.

— Eu não posso trazer para casa um leitão todos os dias. Todos devemos contribuir com coisas que valham a pena.

— Você roubou o porco. Cinco minutos de esforço — Piers respondeu.

— Onde você quer chegar com isso, velhote? Encheu o seu estômago, não encheu?

Liam bufou.

— Não encheu o meu. Você deveria ter roubado dois.

Fergus jogou uma pedra, dizendo a todos eles que calassem a boca. Ele estava com fome.

E assim era todas as noites, nosso acampamento sempre à beira de palavras e punhos agressivos, mas a nossa força vinha uns dos outros. Nós éramos fortes.

Ninguém cruzava nosso caminho por medo das consequências. Nós tínhamos cavalos. Tínhamos armas. Nós havíamos ganhado o direito de devastar os outros.

Laurida acenou para mim, e eu despejei o saco. Nós dois começamos a cortar os

bulbos e descascar os tubérculos mais grossos. Eu sabia que ela ficaria satisfeita.

Ela preferia os gomos verdes, os fritava em banha de porco, e passava os caules maiores em farinha. Pão era uma raridade para nós — a não ser que fosse roubado também.

— Onde você as encontrou? — Laurida perguntou.

Eu olhei para ela, sobressaltado.

— Encontrei o quê?

— Isto — ela disse, erguendo um punhado de raízes cortadas. — Qual o problema com você? O sol fritou o seu cérebro?

As raízes. É claro. Era a isso que ela estava se referindo.

— Em uma lagoa. Que diferença faz? — Eu respondi de volta.

Ela me bateu na lateral da cabeça, então se aproximou de mim, examinando meu nariz ensanguentado.

— Ele vai quebrá-lo qualquer dia desses — ela resmungou. — Melhor assim.

Você é bonito demais de qualquer maneira.

A lagoa já estava esquecida. Eu não podia contar a eles que a garota havia me encontrado na lagoa hoje, me seguido e caído sobre mim sem nenhum aviso, e não o contrário. Eu sofreria mais do que um nariz ensanguentado. Era vergonhoso ser tomado de surpresa, especialmente por um deles. A espécie deles era estúpida.

Lenta. A garota havia até mesmo revelado sua estupidez quando me mostrou como colher a comida dela.

No dia seguinte eu retornei à lagoa, mas desta vez me escondi em algumas pedras, esperando que ela viesse. Depois de uma hora, entrei na lagoa para colher os tubérculos, pensando que isso a atrairia de seu esconderijo. Não atraiu. Talvez ela não fosse tão estúpida quanto o resto. Talvez ela tivesse realmente escutado meu aviso. Sim, Jafir a havia assustado. Era minha lagoa agora. A

lagoa de Jafir, para todo o sempre.

Enchi o saco com os caules e galopei mais para o sul, procurando o acampamento dela. Eles não tinham cavalos – nós nos certificamos disso. Ela não poderia estar tão longe da lagoa, mas não havia sinal dela.

— Morrighan — eu sussurrei, testando como isso soava na minha língua. —

Mor-uh-gon.

Harik nem sabia o meu nome, me chamava de algo diferente cada vez que visitava. Mas ele sabia o dela. Porque o maior guerreiro da terra sabia o nome de uma garota magricela e fraca? Especialmente de um deles.

Quando eu a encontrasse, faria com que ela me contasse. E então eu seguraria minha faca em sua garganta até que ela chorasse e implorasse para que eu a soltasse. Assim como Fergus e Steffan faziam com os membros das tribos que escondiam comida de nós.

Do alto de uma colina, procurei através dos vales, vazios com exceção do vento movendo a grama.

A garota se escondia bem. Eu não a encontrei novamente por mais quatro anos.

Capítulo 4

MORRIGHAN

— Aqui — Pata disse. — Aqui é um bom lugar.

Uma trilha sinuosa havia nos levado até lá, uma que não era facilmente seguida, um caminho que eu havia ajudado a encontrar, o saber criando raízes em mim e se fortalecendo.

Ama examinou as densas árvores. Examinou a mistura de possíveis abrigos.

Examinou as colinas e ribanceiras pedregosas que nos escondiam da vista. Mas principalmente eu a via observando a tribo. Eles estavam cansados. Famintos. Eles pranteavam. Rhiann havia morrido pelas mãos de um abutre quando se recusou a abrir mão de um cabrito que estava em seus braços.

Ama olhou de volta para o pequeno vale e assentiu. Eu podia ouvir a batida do coração da tribo tão bem quanto ela. O ritmo estava fraco. Eles sofriam.

— Aqui — Ama concordou e a tribo descarregou suas bagagens.

Inspecionei nosso novo lar, se é que podia ser chamado assim. As estruturas eram perigosas, a maior parte feita de madeira e em ruínas por negligência, pela passagem das décadas e, é claro, pela grande tempestade. Elas ruiriam a qualquer momento — a maioria já havia ruído — mas nós poderíamos fazer nossos próprios alpendres com as ruínas. Poderíamos construir um lugar para ficar que duraria mais do que alguns dias. Seguir em frente era tudo o que sempre conheci, mas eu sabia que houve uma época em que as pessoas permaneciam, uma época em que você poderia pertencer a um lugar para sempre. Ama havia me contado, e às vezes eu sonhava que estava lá. Sonhava com lugares que nunca tinha visto, com torres de vidro coroadas por nuvens, com pomares espalhados carregados de frutas vermelhas, com camas quentes e macias, cercadas de janelas com cortinas.

Estes eram lugares que Ama descrevia em suas histórias, lugares onde todas as crianças da tribo eram príncipes e princesas e seus estômagos estavam sempre cheios. Era um mundo de conto de fadas que costumava existir.

No último mês desde a morte de Rhiann, nós nunca permanecemos em um lugar

por mais que um dia ou dois. Bandos de abutres haviam nos despejado depois de roubar nossa comida. O incidente com Rhiann fora o pior. Desde então nós estávamos caminhando há semanas, coletando pouco ao longo do caminho. O sul não se provara mais seguro que o norte, e ao leste Harik comandava, seu reino e alcance crescendo mais a cada dia. No oeste sobre as montanhas, a enfermidade da tempestade ainda persistia, e mais além criaturas selvagens vagavam livremente.

Assim como nós, elas estavam famintas e atacavam qualquer um que fosse tolo o bastante para ir até lá. Pelo menos, isso era o que me foi falado — ninguém que eu

conhecia havia cruzado as montanhas áridas. Nós estávamos encurralados de todos os lados, sempre procurando por um canto escondido para ficar. Pelo menos tínhamos uns aos outros. Nós nos aproximamos mais para preencher o vazio que Rhiann deixara.

E o vazio que Venda deixara também. Eu tinha seis anos quando ela nos deixou. Pata disse que ela estava doente com a poeira da tempestade. Oni falou que ela estava curiosa, fazendo com que a palavra soasse como uma doença. Ama disse que ela foi capturada, e as outras mulheres concordaram.

Nós concordamos em montar acampamento. As esperanças estavam altas.

Este pequeno vale parecia certo. Ninguém se aventuraria aqui, e havia água em abundância por perto. Oni reportou que havia uma campina com grama logo acima do monte, e ela avistou um bosque de carvalhos um pouco a frente.

Ao todo eram dezenove pessoas. Onze mulheres, três homens e cinco crianças. Eu era a mais velha das crianças por três anos. Eu me lembro daquela primavera em que me senti afastada do restante delas. Suas brincadeiras me irritavam. Eu sabia que estava à beira de algo diferente, mas com a rotina de nossa vida diária, não conseguia imaginar o que era. Cada dia era igual ao anterior. Nós sobrevivíamos. Nós temíamos. E, às vezes, nós ríamos. Qual era aquele novo sentimento que espreitava em mim? Eu não tinha certeza se gostava disso. Era um ressoar como de fome ou desejo.

Todos nós ajudamos a recolher os pedaços de madeira, alguns deles com letras grandes que uma vez haviam sido parte de algo, uma mensagem parcial que não importava mais agora. Outros encontraram chapas de metal enferrujadas para

colocar contra as pedras empilhadas. Eu peguei uma tábua larga manchada de azul.

Ama disse que o mundo já foi pintado com cores de todos os tipos. Agora azul era uma raridade, geralmente somente encontrado no céu ou em uma lagoa limpa que o refletia, como na lagoa onde eu vira Jafir. Quatro invernos já haviam passado desde que eu o vira pela última vez. Eu me perguntava se ele ainda estaria vivo.

Apesar de nossa tribo estar sempre à beira de um estado de inanição, os abutres estavam à beira de algo pior. Eles não se importavam uns com os outros da mesma maneira.

Capítulo 5

MORRIGHAN

O vale nos dava as boas-vindas. As sementes que plantávamos no solo pedregoso cresciam com somente um pouco de adulação. Os campos distantes, ravinas e encostas ofereciam alguma diversão, gafanhotos e paz. Em todas as minhas lembranças, estes foram os meses mais calmos que já tivemos, e ainda assim, estranhamente, apesar de eu sempre ter desejado um lugar para ficar, minha impaciência crescia. Eu acalmava a dissonância dentro de mim me aventurando cada dia mais longe para colher grãos.

Um dia, enquanto eu me abaixava para colher pequenas sementes pretas de beldroega, ouvi uma voz tão clara quanto a minha dizer *Por ali*. Eu olhei para cima, mas não havia "por ali". Somente uma parede de pedra e videira estava adiante, mas as palavras dançaram em mim, *por ali*, excitadas e flutuantes — certas e precisas. Ouvi a instrução de Ama, *confie na força dentro de você*. Caminhei para mais perto, examinando as pedras, e encontrei uma passagem escondida.

Pedregulhos se misturavam para esconder a entrada. O caminho levava até um pequeno cânion — e, à distância, um tesouro escondido que eu observava com admiração. Fui depressa apoiada sobre meus joelhos na altura da grama para olhar mais de perto. Apesar de a maior parte do teto ter desmoronado, ainda havia alas daquele edifício uma vez grandioso, e, dentro dessas alas, encontrei livros. Não muitos. A maioria havia sido saqueada ou queimada há muito tempo. Até mesmo nossa tribo já havia queimado as páginas secas dos livros nas noites úmidas de inverno, quando nada mais adiantava. Estes poucos livros estavam espalhados no chão em meio aos entulhos e camadas de poeira. Livros que continham figuras —

do tipo colorido.

Todos os dias desde então, esta estrutura abandonada se tornou meu destino.

Eu juntava comida ao longo do caminho, então descansava e lia nos extensos degraus da ruína abandonada. Sozinha. Eu imaginava outra época, muito antes de sete estrelas terem sido lançadas na terra, uma época em que uma garota assim como eu havia sentado nesses degraus e olhado para o infinito céu azul. A possibilidade se tornou uma criatura alada que poderia me levar a qualquer lugar

que eu quisesse. Eu estava despreocupada e imprudente com minhas divagações.

Dia após dia, era a mesma coisa. Até um dia.

Eu o avistei com o canto do olho. Primeiramente fiquei preocupada, depois brava, pensando que Micah ou Brynna haviam me seguido, mas então percebi quem era. Seu cabelo loiro selvagem ainda era o mesmo, exceto que estava mais comprido agora, e ele brilhava entre os arbustos grossos como uma rara espiga de

milho dourada. *Tolo*, pensei, e então beijei meus dedos e os ergui para os deuses como penitência. Ama não tinha certeza exatamente de quantos deuses existiam.

Às vezes ela dizia que era um, outras vezes três ou quatro — os pais dela não tinham tido tempo de ensiná-la a respeito dessas coisas — mas seja lá quantos fossem, eu sabia que era melhor não testá-los. Eles controlavam as estrelas do céu, guiavam os ventos da terra, e numeravam nossos dias aqui na região selvagem e, em algum lugar das memórias de Ama, ela sabia que chamar alguém de tolo era algo que os deuses não gostavam. Desejar a morte de alguém era outra questão.

Os deuses são sábios? Eu me recordo de ter perguntado. *Por que eles salvaram os abutres também? Foi há muito tempo,* ela respondeu. *Eles ainda não haviam se tornado abutres.*

Ele rastejou para mais perto, ainda se escondendo atrás dos arbustos. Mantive minha atenção no livro, mas percebi relances dele por baixo de meus cílios. Mesmo de sua posição abaixada, eu podia perceber que ele estava mais alto que da última vez que o vi, e seus ombros estavam mais largos. Os retalhos de sua camisa mal cobriam seu peito.

Eu ouvi o alerta da Ama. *Corra o mais rápido que puder se for pega desprevenida.* Mas eu não estava exatamente desprevenida. O observava já há algum tempo e imaginava porque ele estava se escondendo. Escondendo-se muito mal.

E sabia que ele estava se aproximando, então quando ele saltou dos arbustos, gritando e brandindo sua faca, eu não pisquei ou me sobressaltei, simplesmente virei lentamente a página do meu livro, continuando minha leitura.

— Qual o problema com você? — ele gritou. — Não está assustada?

Eu ergui meu olhar para ele.

— Assustada com o quê? Acho que é você quem está assustado, se escondendo nos arbustos há quase uma hora.

— Talvez estivesse planejando como a mataria.

— Se fosse me matar, teria feito isso na primeira vez que me viu. Ou na segunda. Ou...

— O que você está fazendo? — ele perguntou, observando meu livro, parado nos degraus como se fosse o dono do local. Ele era como todos os outros abutres, exigente, bruto... e fedido.

— Você toma banho em algum momento? — perguntei, franzindo o nariz.

Ele olhou para mim, confuso, e então curioso, sua carranca se suavizando.

Fechei meu livro.

— Você não precisa ser tão hostil comigo, sabe. Eu não vou te machucar.

— Você? Me machucar? — ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Seu sorriso fez algo quente se comprimir dentro de mim e, antes que eu pudesse pensar, ergui meu pé e chutei a parte de trás de seu joelho. Ele caiu no chão, seu cotovelo fazendo um som alto e doloroso quando bateu nos degraus. A carranca retornou, e ele ergueu a faca na frente do meu rosto.

— Estou lendo um livro — falei rapidamente. — Gostaria de ver? — prendi minha respiração.

Ele esfregou o braço.

— Eu já ia me sentar mesmo.

Mostrei o livro a ele, virando as páginas e apontando as palavras. Havia apenas algumas em cada página. *Lua. Noite. Estrelas*. Ele estava fascinado, repetindo as palavras quando eu as dizia, e baixou a faca ao seu lado. Ele tocou as páginas

coloridas desbotadas pelo tempo, a ponta de seus dedos roçando-as de leve.

— Este é um livro dos Antigos — ele falou.

— Antigos? É assim que vocês os chamam?

Ele olhou para mim em dúvida, então levantou.

— Por que você questiona tudo o que digo? — ele desceu os degraus depressa e, estranhamente, fiquei triste por vê-lo partir.

— Volte amanhã — falei. — Eu lerei mais para você.

— Eu não vou voltar! — ele gritou por cima de seu ombro.

Eu o observei entrar nervosamente nos arbustos, somente seu cabelo loiro selvagem reluzindo acima das ervas até que ele e suas ameaças resmungadas desapareceram.

Sim, Jafir, eu pensei, *você vai voltar,* apesar de eu não saber porquê.

Capítulo 6

JAFIR

Separei o restante da carne da pele — uma ótima lebre suculenta que fez com que Laurida suspirasse quando retornei ao acampamento. Pendurei o animal esfolado em uma árvore. Nós não tínhamos carne fresca em nosso ensopado por quatro dias agora, e Fergus estava cada dia mais amargo em relação às raízes e ossos que davam sabor à água.

— Onde você o pegou? — Laurida perguntou.

Eu havia encurralado a lebre em uma ravina não muito distante de onde encontrei a garota Morrighan, mas Laurida não precisava saber disso. Ela poderia contar ao Steffan, e então ele tomaria para si meu terreno de caça assim como fazia com tudo o mais.

— Em uma fossa logo depois do pântano — respondi.

— Humm — ela disse com desconfiança.

— Eu não o roubei — acrescentei. — Eu o cacei. — Apesar de que, no final, não fez a menor diferença, comida era comida, e Laurida parecia apreciar mais a caçada. — Vou limpar isso. — Peguei as entranhas para lavar no ancoradouro.

— Caminhe com cuidado perto do Steffan hoje — ela disse. — Ele está com um mau temperamento.

Dei de ombros enquanto me afastava. Quando Steffan *não* era grosseiro?

Pelo menos esta noite ele não conseguiria socar minhas orelhas ou me bater nas costelas. Ele seria envergonhado por Piers e Fergus por causa da minha caça.

Ambos amavam lebre, e tudo o que Steffan trazia para casa ultimamente eram doninhas esqueléticas.

Foi somente quando eu já estava a meio caminho de casa que percebi que havia esquecido de perguntar a Morrighan porque Harik sabia seu nome. Era a primeira coisa que eu ia dizer, mas então ela me desconcentrou com toda aquela conversa. Se eu tomo banho? Afundei as entranhas dentro da água. Que

diferença isso fazia? Mas então pensei em sua pele, em como ela parecia brilhar com a cor de um pôr do sol esfumaçado. Eu queria tocá-la e sentir como era. Ela teria aquela cor porque se banhava? Nós não tínhamos garotas em nosso acampamento —

somente garotos, homens, e três mulheres como Laurida — seus rostos enrijecidos e marcados pelo tempo. As bochechas de Morrighan eram tão macias quanto uma folha de primavera.

Ouvi uma agitação e o relinchar de cavalos. E então o aviso de Steffan de que os outros estavam de volta, como se não fosse óbvio. Chacoalhei as entranhas e subi penosamente a encosta para voltar ao acampamento. Meus passos hesitaram

quando avistei Harik com os mais velhos do clã. Ele não aparecia com tanta frequência em nosso acampamento hoje em dia, ficando ao invés disso em sua sólida fortaleza do outro lado do rio — cujo nome era Venda por causa de sua noiva, a Siarrah. Mas a água estava subindo e a ponte estava desmoronando. Não demoraria muito para que a sua fortaleza fosse separada do restante de nós, e ele nunca mais viria. Fergus disse que o rio engoliria a ponte em breve. Harik não dava importância e dizia que ele construiria outra, o que parecia ser uma tarefa impossível, mas ele era maior em poder e vontade do que os outros, e havia rumores de que seu pai fora um dos poderosos Antigos. Talvez ele tivesse meios que desconhecíamos.

— Você se lembra do garoto, não é mesmo? — Fergus disse apontando para mim.

— Steffan — Harik disse, colocando sua enorme mão em meu ombro.

— Ele é meu irmão. Sou Jafir — falei, mas ele já havia se virado e se acomodava perto do fogo com Piers.

A noite se desenrolou como todas as outras — comida, disputas e notícias de parentes afastados. Fergus disse que nossos parentes no Norte devaneavam novamente sobre o que estaria além das montanhas ocidentais. Eles estavam considerando se aventurar à procura de melhor sorte do que a que era oferecida aqui e havia perguntando a Fergus se ele queria se juntar a eles. Eu revirei os olhos.

Eles estavam sempre “considerando”, mas nada resultava disso. As montanhas

continham a praga. Nada crescia lá. Atravessá-las significava morrer. Mesmo os clãs mais poderosos mantinham-se temerários. Havia ainda alguns entre nós, como Piers, que estavam aqui quando a nuvem de morte rolou pela terra. Ele só tinha seis na época, mas se lembrava do terror.

Após o jantar, Harik passou entre eles uma garrafa que havia trazido consigo.

Enquanto comida podia ser escassa, em seu lado do rio eles ainda conseguiam fermentar aquele líquido. Mesmo eu estando sentado na roda com todo mundo, a bebida não me foi oferecida. Piers passou a bebida para Reeve, que estava sentado no meu outro lado. Tentei fingir que não percebi quando Harik passou a garrafa para Steffan. Ele bebeu e se engasgou com o álcool, e todos riram. Eu também ri, mas Steffan reconheceu minha risada no meio das outras. Ele se virou e me encarou, o tipo de olhar que dizia que eu pagaria por isso mais tarde.

Então a conversa se voltou para as tribos. Harik perguntava, como já havia feito em outras visitas, aonde uma tribo particular tinha ido. Eles não eram vistos há quatro anos. A tribo de Gaudrel. Quando ele falou o nome dela, senti raiva em sua voz.

— E aquela pirralha que ela arrasta junto — ele acrescentou. — Morrighan.

Vi a ânsia em seus olhos. Ele a queria. O homem mais poderoso da terra —

mais poderoso que Fergus — queria Morrighan.

E eu era o único que sabia onde ela estava.

Capítulo 7

MORRIGHAN

Ele não se escondeu nos arbustos desta vez. Subiu os largos degraus de mármore de uma maneira assustadora. Como se fosse dono deles. Por que esse abutre era tão difícil de ser compreendido? Seu peito estava nu e seu rosto reluzia.

Ele havia se banhado. Sem a sujeira, sua pele agora era de uma tonalidade dourada, e seus longos cabelos brilhavam mais. A largura maior de seus ombros fez com que suas costelas parecessem ainda mais patéticas. Mas a expressão em seus olhos era feroz.

— Pensei que você não fosse vir? — falei, dando um passo para trás quando ele parou na minha frente.

Ele me observou por um longo tempo antes de responder.

— Eu vou e volto, quando e onde eu quiser. Por que Harik, o Grande, sabe o seu nome?

Senti como se tivesse levado um soco e não pudesse respirar. Eu havia escutado cochichos no acampamento entre as mulheres. Ama e as outras o detestavam. Seu nome era como veneno, não podia ser tocado. Me alarmou o fato de que ele poderia saber o meu nome. Jafir estava enganado.

— Ele não sabe o meu nome — eu disse. — Ele não me conhece. Eu só o vi à distância, quando ele roubou nosso acampamento muito tempo atrás. — Eu me afastei. — E para a sua informação, abutre, ele não é grande. Ele é um covarde, como todos os... — eu parei, medindo as palavras com a ponta da língua, temendo que isso o afastasse... ou pior.

— Como todos nós? — ele terminou. — Era isso o que você ia dizer?

Por que nós estamos aqui?, pensei. Nós estávamos sempre lançados à sorte, mas mesmo assim nossos caminhos continuavam se cruzando. *Não Morrighan, não se cruzando ao acaso. Você o convidou para retornar. Queria que esse encontro acontecesse.* Eu não me compreendia, nem compreendia tudo a que fui ensinada a acreditar. Os abutres eram perigosos para nós, mas eu estava imensamente curiosa com esse que havia demonstrado piedade por mim oito anos atrás

quando ele era pouco mais que uma criança.

— Jafir — falei, dizendo seu nome com respeito — você gostaria de ler? —

E então, como um sinal de trégua, acrescentei sua própria descrição. — Um livro dos Antigos?

Nós lemos por uma hora até ele precisar ir embora. Não foi o nosso último encontro. Os primeiros continuaram sendo difíceis e experimentais. Os abutres e aqueles que eles caçavam não tinham um meio termo. Mas aqui, escondidos por

longas trilhas e muros de pedras, nós aprendemos a deixar pelo menos alguma parte do que éramos para trás. Nossa confiança oscilava entre altos e baixos, mas sempre foi um acordo velado que nossos encontros permaneceriam em segredo.

Se ele contasse a alguém, eu poderia morrer. Se eu contasse a alguém, seria proibida de retornar.

Nunca pensei que duraria. Afinal de contas, nossa tribo nunca ficava no mesmo lugar por muito tempo. Seguir em frente era o que fazíamos. Em breve deixaríamos o vale, iríamos para algum lugar longínquo, e esses dias acabariam.

Mas a tribo não seguiu em frente. Não havia necessidade. O vale era muito bem escondido, e nós podíamos colher e plantar sem preocupação. Ninguém se aventurava a ir até lá. Nossos dias se transformaram em estações, e as estações se transformaram em anos.

Ensinei as letras a Jafir, e, depois disso, as palavras. Logo ele estava lendo para mim também. Ele praticava a escrita, seus dedos traçando letras na poeira.

— Como se escreve Morrighan? — ele perguntou.

Letra por letra, ele as repetia enquanto escrevia no chão. Eu me lembro de olhar para as palavras muito depois que ele as havia escrito, admirando as curvas e as linhas que seu dedo tinham traçado e como meu nome parecia diferente para mim mesma.

Ao longo de semanas e meses, nós compartilhamos tudo. Sua curiosidade era tão grande quanto a minha. Ele vivia com onze pessoas. Eles eram uma família, mas ele não tinha certeza quantos deles eram realmente parentes. Fergus não

explicava essas coisas para ele. Não eram importantes. Uma mulher chamada Laurida o tomou como filho, mas ele sabia que não era verdade. Ela era a esposa de Fergus, mas ela só havia chegado ao clã quando Jafir tinha sete anos — de onde ela viera, ele não sabia. Um dia ela simplesmente chegou a cavalo com Fergus e ficou. Ele tinha uma vaga lembrança de uma mulher que ele imaginava ser sua mãe, mas lembrava somente de sua voz, não de seu rosto.

Ele perguntou se Gaudrel era minha mãe. Expliquei que ela era minha avó, um termo que ele não conhecia.

— Mãe da minha mãe — expliquei. — Ama me criou. Minha mãe morreu no parto.

— E seu pai?

— Eu nunca o conheci. Ama diz que ele está morto também.

Os lábios de Jafir se estreitaram. Talvez ele se perguntasse se meu pai fora morto pelas mãos de alguém de sua família. Era provável que sim. Ama nunca contou como aconteceu, mas seus olhos sempre brilhavam de raiva antes de ela mudar de assunto.

Eu estava curiosa sobre seu irmão. Jafir somente deu de ombros quando lhe perguntei a respeito disso. Ele mostrou uma cicatriz em seu braço.

— Steffan fala mais com suas mãos do que com sua boca.

— Então eu não gostaria de conhecê-lo.

— E eu não gostaria que você o conhecesse — Jafir disse, caçoando da maneira como eu falava as coisas diferente dele, e nós dois rimos.

Eu não sabia que o que nós dois estávamos construindo era uma amizade.

Parecia impossível. Mas descobri que o garoto que havia me mantido escondida de seus companheiros abutres uma vez tinha outras coisas boas também – um bracelete trançado com a relva das planícies, um prato lascado banhado em ouro que ele havia encontrado em uma ruína. Um dia ele me deu um punhado do céu quando me viu olhando para as nuvens, somente para me ver sorrir. Eu guardei no meu bolso. Outras vezes nós enlouquecíamos um ao outro além da conta com

nossas maneiras diferentes, mas nós sempre retornávamos, a discussão esquecida.

Nós mudávamos juntos, imperceptivelmente dia após dia, tão devagar quanto uma flor se abrindo na primavera.

Mas então um dia, tudo mudou de uma hora para outra, permanentemente e para sempre.

Ele havia atingido um esquilo aquela manhã a dez passos de distância com se estilingue, e tentava me ensinar como fazer o mesmo, mas a cada vez que eu tentava, minhas pedras erravam miseravelmente o alvo. Ele estava brigando comigo por causa da minha mira, e eu lançava olhares frustrados para ele.

— Não, não desse jeito — ele reclamava. Ele se ergueu de onde estava na campina e se aproximou. — Assim — ele disse, ficando de pé atrás de mim e colocando seus braços ao meu redor. Ele pegou minha mão com as suas, seu peito encostado nas minhas costas, puxando lentamente a corda. Então ele parou, uma longa e desconfortável pausa que pareceu durar para sempre, mas nenhum dos dois se moveu. Tentei entender porque isso parecia tão diferente. Seu hálito quente se agitava atrás de minha orelha, e senti meu coração acelerar, senti algo entre nós que não estava ali antes. Algo grande e selvagem e incerto. Ele soltou minhas mãos de repente e se afastou. — Não importa — ele disse. — Tenho que ir.

Ele subiu em seu cavalo e saiu sem se despedir. Eu o observei galopar até estar fora de vista.

Não tentei impedi-lo. Eu queria que ele fosse embora.

* * *

A cabana comum zumbiu com vibração, mas não me sentia parte dela. Olhei para as estacas, as cordas e as peles de animais que compunham as paredes enquanto empilhava as cabaças limpas.

— Você quase não falou uma palavra a noite toda. O que há de errado, criança?

Eu me virei.

— Eu não sou uma criança, Ama! — Gritei. — Você não consegue ver isso?

— Respirei assustada por minha própria explosão.

Ama tirou as cabaças das minhas mãos e as colocou de lado.

— Sim — ela disse suavemente. — A criança em você se foi, e uma... jovem está diante de mim.

Os seus olhos cinzentos pálidos brilhavam.

— Eu simplesmente me recusei a ver. Não tenho certeza de como aconteceu tão rápido.

Caí em seus braços, segurando-a forte.

— Sinto muito, Ama. Eu não queria ser grossa com você. Eu...

Mas eu não tinha mais palavras para me explicar. Minha mente estava balançada e confusa, e meu corpo já não parecia como se fosse meu. Em vez disso, dedos quentes apertavam meu coração com a lembrança da respiração quente de Jafir na minha pele.

— Eu estou bem — eu disse. — Os outros estão esperando.

Ama me puxou para o centro da cabana, onde todos tinham se acomodado ao redor do fogo. Sentei-me entre Micah e Brynna. Ele tinha treze anos, e ela, doze, mas agora pareciam tão jovens para mim. Os gêmeos, Shay e Shantal, oito, estavam sentados a minha frente. Para mim, todos eram crianças.

— Conte-nos uma história, Ama — pedi. — Sobre antes.

Eu precisava de uma história para me acalmar, pois minha mente ainda pulava como um gafanhoto do campo.

As crianças gritaram suas escolhas, as torres, os deuses, a tempestade.

— Não — eu disse. — Conte-nos sobre quando você conheceu o Pai.

Ama olhou-me com incerteza.

— Mas essa não é uma história de antes. Essa é uma história de depois.

Engoli em seco, tentando esconder minha miséria.

— Então, conte-nos uma história de depois. — Eu tinha ouvido a história antes, mas fazia muito tempo. E precisava ouvi-la novamente.

— Foi doze anos após a tempestade. Eu era apenas uma garota de dezessete anos. Até então, viajava muito com os Remanescentes que tinham sobrevivido, mas apenas para lugares que pareciam mais desolados a cada parada. Vivemos por

nossa inteligência e determinação, minha mãe me ensinando como confiar na linguagem do saber dentro de mim, pois pouco mais importava. Os mapas, os aparelhos e as invenções do homem não podiam nos ajudar a sobreviver ou a encontrar comida. Cada dia eu ia mais a fundo, desbloqueando as habilidades que os deuses nos deram desde o início dos tempos. Pensei que toda a minha vida seria assim, mas um dia eu o vi.

— Ele era bonito?

— Ah, claro.

— Ele era forte?

— Muito.

— Ele era...

—- Pare de interromper — falei para a criança. — Deixe-a terminar!

Ama olhou para mim. Vi o pensamento em seus olhos, mas ela continuou.

— Mas o mais importante que notei nele foi que ele era gentil. O desespero governava o mundo, e a bondade era tão rara quanto um céu azul-claro. Nós alcançamos uma das adegas de antes. Ainda era possível encontrar algum alimento naqueles dias, estoques que ainda não tinham estragado ou que haviam sidos invadidos, mas era arriscado aventurar-se em tais lugares. O líder nos viu chegando e nos expulsou, mas seu Pai interveio, pedindo por nós, e o líder aceitou. Eles nos aceitaram e compartilharam o pouco da comida que tinham.

Foi a última vez que experimentei uma azeitona, mas essa pequena prova foi o começo de algo muito mais... satisfatório.

Pata revirou os olhos e as outras mulheres riram. Riram bastante. Os significados ocultos das histórias de Ama já não me escapavam.

* * *

— Por que está com tanta pressa? — perguntou Ama. — Os besouros do campo cobrarão uma taxa se chegar atrasada? — Seu tom era desconfiado. Eu a tinha visto me observando enquanto eu corria com minhas tarefas matutinas.

Desacelerei o passo, com vergonha de não ter dito a Ama sobre a construção com os livros, ou Jafir. Mas não tão envergonhada por esconder a verdade. Uma coisa que aprendi era que Ama não conseguia ler a minha mente como eu acreditei uma vez. Mas ela conhecia minha mente. Ela a respirava. Ela vivia. Assim como fazia com toda a tribo. Era uma carga pesada para ela suportar. Parte desse peso passaria um dia para mim.

— Você precisa de alguma coisa, Ama?

— Não, criança — ela disse acariciando minha bochecha. — Vá. Colha. Eu entendo a necessidade de solidão. Apenas fique atenta. Não permita que este tempo de paz faça com que você deixe sua guarda baixa. O perigo está sempre por ai.

— Estou sempre atenta, Ama. E eu sempre me lembro dos perigos.

Capítulo 8

MORRIGHAN

Passei voando pelo campo. Corri sem fôlego pelo cânion. O dia já estava quente, e o suor rolava pelas minhas costas. Não parei para colher nada, minha bolsa vazia flutuava no aperto do meu punho. Quando cheguei à trilha que levava à antiga construção de livros, vi seu cavalo amarrado ao galho baixo de uma árvore.

E então eu o vi.

Ele estava no meio da ampla entrada da varanda entre dois pilares, assistindo eu me aproximar. Ele estava adiantado, assim como eu. Desacelerei na base dos degraus, recuperando o fôlego. Olhei para ele de uma maneira que nunca tinha feito antes — de certa forma, eu não me permitia vê-lo. Como ele ficou alto. Suas costelas já não saltavam pateticamente em seu tórax, e seus cabelos enrolados de alguma forma se tornaram algo que o deixava bonito e poderoso. Seus cabelos caíam graciosamente sobre os ombros, que agora estavam largos e musculosos.

Meu olhar percorreu seu peito, largo e forte, peito que tinha roçado minhas costas ontem.

Ele me observou subir os degraus, mas não disse nada. Eu não disse nada também, mas sabia que hoje não seria como o dia anterior ou todos os nossos dias antes disso. Quando cheguei lá, um pequeno e silencioso *olá* escapou dos meus lábios. Ele recuou e engoliu em seco.

— Desculpe por ter saído tão rápido ontem.

— Você não precisa explicar.

— Eu vim te dizer que não voltarei mais. Há caça melhor em outros lugares.

Senti um vazio dentro de mim. Minha mente girou com descrença.

— Não posso perder meus dias aqui com você — acrescentou.

Como em um estalar de dedos, minha descrença inflamou-se de raiva. Olhei para

ele.

— Porque ser amigo de uma garota Remanescente é uma coisa, mas ser...

— Você não me conhece! — Ele gritou enquanto saía de perto de mim rapidamente, quase caindo pelos degraus.

— Vá, Jafir! — gritei pra ele. — Vá e nunca mais volte!

Ele desamarrou seu cavalo com movimentos rápidos e irritados.

— Vá! — Eu gritei, minha visão embaçando.

Ele fez uma pausa, olhando para a sela, as mãos apertadas nas rédeas, furioso.

Meu coração bateu dolorosamente em uma longa e esperançosa batida, aguardando. Ele balançou a cabeça, depois montou seu cavalo e foi embora. O ar que estava nos meus pulmões desapareceu.

Tropecei na ruína, minha mão deslizando pelas paredes para conseguir apoio.

A escuridão me engoliu. Cheguei a um pilar e escorreguei para o chão, não mais tentando reter minhas lágrimas. Meus pensamentos se afogaram entre tristeza, ressentimento e raiva. *Nunca mais voltarei aqui também, Jafir! Nunca mais! Vou esquecer tudo sobre esse vale, incluindo você!*

Mas mesmo na minha raiva, eu sofria por ele. Sofria por todos os nossos ontens.

Uma porta fora aberta e não poderia ser fechada novamente, não importava quão irritada ele me deixasse. Ele estava em meus pensamentos, meus cabelos, meus dedos, meus olhos, sua memória em lugares onde ninguém mais havia estado, de cem maneiras que não faziam sentido. Olhei para o saco vazio ainda apertado no meu punho, meus dedos pálidos.

— Não há futuro para nós, Morrighan. Nunca haverá.

Me assustei, olhando para cima. Ele estava na entrada, uma silhueta alta bloqueando a brilhante luz do dia atrás dele. Eu sabia que ele estava certo. Um futuro era impossível. Eu nunca poderia adotar sua casa ou algo do tipo, nem ele a minha. O que restava para nós?

Fiquei de pé.

— Por que você voltou?

Ele entrou no frio da caverna.

— Porque... — suas sobrancelhas abaixaram, seus olhos tornando-se nuvens escuras, ainda irritadas. — Porque eu não podia ir embora.

Ele caminhou para mais perto até que apenas alguns centímetros nos separassem. Seu olhar era nítido e minucioso. Havia tanto que eu não conhecia sobre as maneiras entre um homem e uma mulher, mas sabia que o queria. E eu sabia que ele me queria.

— Toque-me, Jafir — pedi. — Toque-me da maneira como fez ontem.

Seu peito levantou em uma respiração profunda e ele hesitou, mas então ergueu um único dedo, lentamente traçando uma linha pelo meu braço nu, seus olhos seguindo o caminho como se memorizando-o, e então o caminho se virou e seu dedo atravessou meu colo, descansando na cavidade do meu pescoço. Algo brilhante, líquido e quente correu por minha pele e através do meu peito. Meus dedos relaxaram, e deixei cair a bolsa que ainda estava segurando.

Estendi as mãos e as apoiei em seu peito, com as pontas dos dedos abrasadoras, tremendo com a sensação de sua pele sob a minha, a batida rápida de seu coração, e respirei o aroma de tudo o que era Jafir: terra e ar, e suor. Minhas mãos queimaram enquanto passeavam por seu peito, sentindo suas costelas e os músculos de seu abdômen. Sua respiração vacilou, um momento, e as mãos dele

seguraram meu rosto, o polegar deslizando pela minha bochecha. Nós trouxemos nossos lábios mais perto, nossos narizes se chocando, mas então minha cabeça foi para um lado, a dele para o outro, e nossas bocas se encontraram, nossas línguas se encontraram, e parecia que não havia outra maneira de sermos, saboreando um ao outro, explorando a sensação um do outro, descobrindo um ao outro de uma maneira que nunca fizemos antes.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas, fortes, puxando-me contra si, e seus lábios roçaram minha nuca, meus cílios, minhas têmporas e todos os espaços vazios entre eles.

Não pensei sobre o mundo dele, nem no meu, nem no futuro que não podíamos ter. Só pensei sobre a luz quente atrás dos meus olhos, seus suaves murmúrios no meu ouvido e a plenitude do que tínhamos naquele momento. E nos tocamos de todas as formas que fizemos ontem e mais.

Capitulo 9

JAFIR

Ela se ajoelhou atrás de mim, suas mãos cobrindo meus olhos.

— Não olhe.

— Estou com os olhos fechados — prometi enquanto a alcançava e levava uma de suas mãos para os meus lábios.

— Jafir, preste atenção — disse ela, afastando a mão. Eu a virei e puxei-a para cima de mim, atraindo seu rosto para o meu, beijando-a, sussurrando entre respirações:

— Você é tudo o que preciso provar.

Ela sorriu, traçando uma linha ao redor da minha boca.

— Mas um dia você ficará feliz por uma fruta extinguir a sua sede.

— Você é…

— Jafir! — Ela disse, sentando-se, me empurrando e colocando um dedo nos meus lábios para me silenciar.

Fechei os olhos obedientemente.

Perguntei-lhe sobre o saber, o dom que a Siarrah de Harik, o Grande, aparentava ter. Ela franziu a testa e disse que era um presente para muitas das tribos Remanescentes, exceto que alguns o procuravam com mais fervor que outros.

Aqui, ela me contou, apertando seu punho suavemente contra as minhas costelas.

E aqui, ela disse novamente, pressionando-o contra meu esterno.

Esta é a mesma instrução que minha ama me deu.

É a linguagem do saber, Jafir.

Linguagem esta tão antiga quanto o próprio universo.

É o ver sem olhos,

E ouvir sem ouvidos.

Foi o que me trouxe até esse vale.

Foi assim que os Antigos sobreviveram naqueles primeiros anos.

Como sobreviveremos até agora.

Confie na força dentro de você.

Agora ela tentava me ensinar essa maneira de saber.

Ela já tinha me ensinado muito — a diferença entre frutas que poderiam nutrir ou matar, as estações da *thannis* selvagem e os deuses que governavam tudo. Nos últimos meses, não perdi um dia de viagem ao vale escondido para estar com ela.

Ela consumiu meus pensamentos e sonhos. Tudo mudou entre nós no dia em que ela segurou meu estilingue e coloquei meus braços ao redor dela. Isso me assustou,

essa mudança, do jeito que me fez sentir e até pensar de forma diferente, mas todos os dias desde então, enquanto eu montava para o vale, tudo em que eu podia pensar era em segurá-la novamente, beijá-la, ouvi-la, vê-la rir.

Assim como desde a primeira vez que a vi, ela me fascinava, exceto que agora eu precisava dela como um corvo precisa do céu. Fora um jogo perigoso que jogamos e, desde o início, sabíamos que não poderia durar, mas agora eu questionava isso. Ela questionava. Nós conversávamos sobre isso. Amor. Era isso o que tínhamos? *Eu amo você, Jafir*, ela diria em qualquer momento do dia, apenas para ouvir em voz alta. Ela ria e depois dizia novamente, seus olhos solenes fixos nos meus. *Eu amo você, Jafir de Aldrid*. E não importava quantas vezes ela dissesse, eu esperava que ela falasse outra vez.

— Agora, o que você ouve? — perguntou, com as mãos apoiadas no meu peito.

Não ouvi nada além do canto distante de um besouro, o som da respiração do meu cavalo, o sibilar da grama do prado na brisa — e então ela colocou uma

frutinha na minha boca, doce e suculenta.

— Está te chamando, Jafir. Sussurrando, uma voz que cavalga pelo vento. *Aqui estou, venha me encontrar*. Ouça.

Mas tudo o que ouvi foi um tipo diferente de saber, um que até Morrighan não podia ouvir, um saber que parecia tão certo e antigo quanto a própria Terra.

Sussurrava no fundo das minhas entranhas, *eu sou seu, Morrighan, para sempre...*

e quando a última estrela do universo piscar em silêncio, eu ainda serei seu.

Capitulo 10

MORRIGHAN

Desde que eu era pequena, Ama contou as histórias de Antes. Centenas de histórias. Às vezes era para me impedir de chorar e revelar o nosso esconderijo na escuridão, quando os abutres se aproximavam demais, sussurros desesperados na minha orelha que ajudavam a me manter em silêncio. Mais frequentemente, no final de um longo dia, ela nos contava para me satisfazer quando não havia comida para encher minha barriga.

Eu me agarrei às suas histórias, mesmo que fossem de um mundo que eu não conhecia, um mundo de luz cintilante e torres que chegavam ao céu, de reis e semideuses que voavam entre as estrelas — e as princesas. Suas histórias me tornaram mais ricas do que um governante em um grande reino. As histórias eram a única coisa que ela me deu que não poderiam ser roubadas, nem mesmo por um abutre.

Era uma vez, criança,

Há muito, muito tempo,

Sete estrelas que pendiam no céu.

Uma para chacoalhar as montanhas,

Uma para revirar os oceanos,

Uma para afogar o ar,

E quatro para testar os corações dos homens.

Mil facas de luz

Cresceram até formarem uma nuvem rolante e explosiva, Como um monstro faminto.

Apenas uma princesinha achava graça,

Uma princesa como você...

Ama disse que a tempestade durou três anos. Quando acabou, poucos ficaram para contar. Menos ainda se preocuparam em falar disso. Sobrevivência era tudo o que importava. Ela era apenas uma criança pequena quando as tempestades começaram, sua memória faltando, mas ela preenchia os detalhes com o que aprendeu ao longo do caminho, mais partes preenchidas pela necessidade do momento e pela mensagem que era sempre era a mesma. Um Remanescente abençoado sobrevivia — sempre sobreviveria — não importa as dificuldades.

Outras coisas sobreviveram também. Coisas que nós deveríamos observar.

Coisas que às vezes fizeram minha fé nos Remanescentes vacilar, como quando o

Pai foi abatido, pisoteado por um cavalo; quando a Venda foi roubada; quando Rhiann perdeu um filhote de cabra e sua vida com um único golpe de uma faca.

Estas também se tornaram histórias, e Ama nos cobrava que deveríamos contá-las, dizendo: *Nós já perdemos demais. Nunca devemos nos esquecer de onde viemos, para não repetir a história. Nossas fábulas devem ser passadas de pai para filho, de mãe para filha, pois, com apenas uma geração sendo pulada, a história e a verdade são perdidas para sempre* E então contei as histórias para Jafir enquanto explorávamos o pequeno cânion que era nosso mundo.

— Nunca ouvi falar de torres de vidro — disse ele quando contei sobre onde Ama já tinha morado.

— Mas você viu as ruínas, não é? Os esqueletos que uma vez mantiveram as paredes de vidro?

— Eu vi os esqueletos. Isso é tudo. Sem histórias junto. — Eu podia ouvir a vergonha em seu tom, o menino na defensiva que conheci há tanto tempo.

Coloquei meu braço ao redor de sua cintura, trazendo o calor de suas costas contra minha bochecha.

— As histórias devem começar em algum lugar, Jafir — falei gentilmente.

— Talvez eles possam começar com você?

Senti o endurecimento de seus ombros. Um dar de ombros. Ele soltou-se do meu

abraço, virando de repente.

— Vamos dar uma volta. Quero te mostrar uma coisa.

— Onde? — perguntei com desconfiança. Não havia um canto desse pequeno cânion fechado que não tivéssemos explorado.

— Não é longe — ele disse, pegando minha mão. — Eu prometo. É um lago que...

Fiz uma careta e puxei minha mão. Tivemos essa conversa antes. Os limites da pequena caixa que era o cânion pareciam diminuir a cada dia. Jafir explorava além dos limites. Ele costumava andar livremente nas planícies e campos abertos, um risco que eu não podia correr.

— Jafir, se alguém me vir...

Ele me puxou para perto, seus lábios roçando nos meus, impedindo que as minhas palavras saíssem.

— Morrighan — ele sussurrou contra meus lábios — eu arrancaria meu próprio coração antes de deixar que qualquer mal aconteça com você. — Ele estendeu a mão, acariciando minha cabeça. — Eu não arriscaria um único fio de cabelo, ou um único cílio seu. — Ele me beijou com ternura, e o calor inundou-me.

De repente, ele saltou para trás, levantando os braços para o lado para mostrar seus músculos.

— E olhe! — Ele disse, com um sorriso provocador no canto da boca. — Eu sou forte! Eu sou feroz!

— Você é um tolo! — Eu ri.

Ele fez uma expressão surpresa, fingindo medo e olhando para o céu.

— Cuidado com os deuses!

Talvez eu tenha contado histórias demais para ele.

Seu sorriso desapareceu.

— Por favor, Morrighan — ele pediu em voz baixa. — Confie em mim.

Ninguém nos verá. Deixe-me cavalgar com você e mostrar-lhe algumas das coisas que eu amo.

Meu coração bateu, o familiar "*não*" por trás disso, mas... Eu adorava montar com ele. No começo, eu tinha medo, mas Jafir era um bom professor, me colocando gentilmente nas costas de um animal enorme, e rapidamente descobri que adorava a sensação de seu cavalo abaixo de nós, os braços fortes de Jafir ao meu redor, a estranha sensação de que estávamos conectados, para sempre inseparáveis enquanto montávamos juntos. Adorava o sentimento vertiginoso enquanto o prado se borrava abaixo de nós, com a sensação de que tínhamos asas, que éramos rápidos e poderosos e que nada no mundo poderia nos impedir.

Olhei para ele e assenti com a cabeça.

— Só dessa vez — falei.

— Só dessa vez — ele repetiu.

Mas eu sabia que estava abrindo outro tipo de porta, e, como antes, era uma que nunca mais poderia ser fechada novamente.

Capítulo 11

MORRIGHAN

— O que tem além das montanhas, Ama?

— Nada para nós, criança.

Nós nos sentamos à sombra de um sicômoro, cheio e frondoso com o verão, triturando a última de nossa semente de amaranto até formar um pó.

— Tem certeza? — perguntei.

— Já te contei as histórias sobre isso antes. Foi de onde o Pai veio. Somente ele e alguns outros conseguiram. A devastação era ainda pior. Muito mais brutal do que qualquer coisa deste lado da montanha. Ele viu muitos morrerem.

Ela me contou sobre as nuvens sufocantes, os incêndios, o chão tremendo, os animais selvagens. As pessoas. Todas as coisas que o Pai lhe dissera.

— Mas ele era apenas uma criança, e isso foi há muito tempo — falei.

— Não há tempo suficiente — ela replicou. — Lembro-me do medo nos olhos do Pai quando contou. Ele estava feliz por estar onde estamos agora, deste lado.

Enxerguei a velhice de Ama. Ela ainda era saudável, robusta para uma mulher da sua idade, mas o cansaço formava linhas em seu rosto. Seguir em frente e manter a tribo segura era uma jornada sem fim para ela. Aqui, neste vale, ela encontrou descanso por quase dois anos agora, mas ultimamente eu a via olhando para as colinas e escarpas circundantes. Ela sentia alguma coisa? Ou era apenas um antigo hábito de examinar os arredores? Ela estava com medo de acreditar que a paz poderia durar?

Eu queria dizer-lhe desesperadamente *Os abutres estão indo embora. Nossa paz e limites só crescerão se ficarmos.* Mas ela se perguntaria como eu sabia, e eu não podia dizer que Jafir me dissera, que a nossa ameaça mais próxima poderia desaparecer para sempre. Seu clã queria ir embora. Eles falavam em ir ao outro lado das montanhas. Talvez até além. Eu vira a preocupação em seus olhos quando ele me contou. Senti em meu coração. Se eles fossem embora, ele também iria?

— Que tipo de animais? — perguntei.

Ama fez uma pausa na moagem e olhou para mim. Me analisou.

— Eu só estou curiosa — falei e triturei minhas sementes com mais fervor.

— Eu não conheço todos os nomes — ela respondeu. — Um se chamava tigre. Era menor do que um cavalo, mas com os dentes de um lobo e a força de um touro. O Pai viu uma dessas criaturas arrastar um homem pela perna, e não havia nada que pudessem fazer para detê-lo. Os animais também estavam com fome.

— Se os Antigos eram como deuses e construíram torres que alcançavam o céu e voaram entre as estrelas, por que eles tinham animais tão perigosos que não podiam ser controlados? Eles não tinham medo?

Os olhos cinzentos de Ama se tornaram aço. Sua cabeça virou um pouco para o lado.

— O que você acabou de dizer?

Olhei para ela, imaginando o que causou a severidade súbita em sua voz.

— Você os chamou de Antigos — continuou ela. — Onde aprendeu esse termo?

Engoli em seco. Era o termo que Jafir usava.

— Eu não tenho certeza. Acho que ouvi Pata falando. Ou talvez tenha sido Oni? É uma boa descrição, não é? Eles são um povo do passado.

Eu podia vê-la analisando minha explicação em sua cabeça. Seus olhos amornaram novamente, e ela acenou com a cabeça.

— Às vezes me esqueço de quanto tempo se passou.

Fui mais cuidadosa com minhas palavras depois disso, percebendo que havia muitos termos que aprendi com Jafir. Não fui só eu quem o ensinara. Arroio, planalto, paliçada, savana. As palavras deles eram palavras de um mundo aberto.

Eu o assistia viver de novas maneiras quando cavalgamos por uma planície ou quando ele conduzia habilmente seu cavalo numa encosta rochosa. Este era o

mundo dele, e tinha confiança, não era mais o garoto estranho que às vezes me beijava em um cânion apertado.

Eu vivia essas experiências com ele, permitindo-me acreditar, por mais brevemente que fosse, que também era meu mundo, que nossos sonhos se esticavam ao longo da próxima colina, ou da próxima, e nós tínhamos asas para nos levar até lá. Mas eu sempre olhava por cima do ombro, sempre me lembrava de quem eu era, e aonde eu estava destinada a voltar, um mundo escondido onde ele nunca se encaixaria.

Não há futuro para nós, Morrighan. Nunca haverá. Jafir também sabia disso.

Era uma coisa que nós dois sabíamos, mas em que eu não queria pensar.

Capítulo 12

JAFIR

— Você é um lobo solitário, sempre saindo sozinho. — Fergus jogou um cobertor no lombo de seu cavalo. — Vai cavalgar com a gente hoje.

Eu já tinha prometido a Morrighan que a encontraria cedo e nós iríamos até a cachoeira, onde a fallopia crescia. Ela vira em um dos nossos passeios. Se eu tivesse sorte, poderia pescar um peixe nas águas também.

Fergus me acertou com o dorso da mão, empurrando-me aos tropeços para o meu cavalo. Recuperei o meu equilíbrio e senti o gosto de sangue na boca. Meus dedos se fecharam em punhos, mas eu sabia que não era uma boa ideia atacar o líder do clã.

— Qual é o seu problema? — ele gritou. — Você está me ouvindo?

— Não tem nada de errado em caçar sozinho. Eu sempre trago comida para alimentar a todos.

— Coelhos! — Steffan zombou, preparando seu próprio cavalo. — Ele não é um lobo solitário! Está mais do que um pato. Sempre na água.

— Isso se chama banho! — Laurida gritou de onde estava junto aos fornos com Glynis e Tory. — Ajudaria muito nossos narizes se vocês seguissem o exemplo de Jafir.

O resto do clã, que também estava montado, riu. Fergus ignorou Laurida, olhando-me em vez disso, com uma escuridão em seu olhar.

— Nós não caçaremos hoje. Cavalgaremos. Liam viu uma tribo ontem.

— Uma tribo? Onde? — perguntei.

Ele confundiu minha resposta rápida com ânsia e sorriu. Era uma visão rara em seu rosto, especialmente se dirigido para mim.

— Uma hora de viagem para o norte — ele respondeu. — Suas barrigas estavam gordas e as cestas, cheias.

Eu respirei aliviado. A tribo de Morrighan ficava ao sul e depois oeste. Nosso clã não atacava um acampamento desde a primavera passada. As tribos se tornaram melhores em se esconder ou se afastar de nós.

— Você não precisa de mim — falei, olhando para Piers, Liam e o restante.

— Tem gente o suficiente...

Fergus agarrou minha camisa, me puxando para perto, sua expressão uma tempestade ameaçadora.

— Você irá conosco. Você é meu filho.

Não havia como fazê-lo mudar de ideia. Acenei com a cabeça, e ele me soltou. Fitei-o enquanto ele montava, imaginando o que ele havia comido. Não era como se ele se lembrasse que era meu pai.

Eles não lutaram de volta. Me enojava como ele tirava facilmente a comida dos outros. Era uma pequena tribo, apenas cerca de nove pessoas, mas nenhuma defendia seu terreno. Um atiçador de ferro estava perto da fogueira, uma faca descansava sobre uma mesa bamba de madeira, mas ninguém levantou uma mão em nossa direção.

Lutem contra nós, eu queria dizer, mas sabia que se o fizessem, nós os mataríamos. Nem todos, mas o suficiente para enviar a mensagem. *Não lutem. Nós temos fome como vocês, e merecemos essa comida tanto quanto vocês, mesmo que tenha sido recolhida por suas mãos.* Sempre fez sentido para mim antes, mas agora as palavras pareciam confusas, diferentes, como se tivessem sido reorganizadas.

São eles ou nós. O sussurro era fraco agora, e eu me perguntei se alguma vez já tinha prestado atenção. Eu não conseguia mais lembrar do rosto dela, nem da cor de seus cabelos, mas ainda sentia os lábios da minha mãe contra minha orelha, quente, doentio, o cheiro azedo da morte, sussurrando as maneiras do clã. *As tribos têm um saber sobre eles, uma forma de conjurar alimentos das gramíneas secas das colinas. Já que os deuses os abençoaram, também deveriam nos abençoar.*

Amarrei um saco de bolotas no lombo do meu cavalo, enquanto o resto do clã saqueava ou brandia suas armas como aviso. Mantive meu olhar abaixado,

concentrando-me em apertar a corda, evitando olhar para qualquer um deles, mas não pude ignorar os gemidos de alguns. Essas bolotas, reunidas por outro alguém, não eram nenhuma benção para mim, e a bile subiu pela minha garganta. O

desprezo do meu pai surgiu de novo. *Qual o problema com você?*

Steffan observou uma garota que estava encolhida atrás das mulheres mais velhas da tribo.

— Venha aqui — ele a chamou.

Ela balançou a cabeça com força, os olhos arregalados. As mulheres se aproximaram, ombro a ombro.

— Venha! — ele ordenou.

— Nós terminamos aqui — eu disse, agarrando seu braço. — Deixe a garota em paz.

— Não se meta, Jafir! — ele exclamou. Ele se libertou e foi em direção à garota, mas Piers entrou no caminho dele.

— Como seu irmão disse, nós terminamos aqui. — Steffan já havia batido de frente com Piers antes, mas Fergus, Liam e Reeve não estavam por perto. Os outros também estavam montando em seus cavalos para sair.

Steffan olhou para a menina.

— Eu voltarei — ele avisou e partiu com o resto de nós.

Nós viajamos rapidamente sobre as pastagens e colinas de volta ao acampamento, e a cada quilômetro, minha raiva crescia. *Lutem*. Palavras em conflito se chocavam em minha cabeça. *Eles ou nós*.

Quando chegamos ao acampamento, apenas uma coisa era certa para mim.

Eu nunca cavalgaria com eles novamente. Eu veria meus parentes morrer de fome primeiro.

Voltei ao acampamento atacado no dia seguinte, sozinho, com dois pavões que me tomaram o dia todo para caçar. Tudo o que restava de seu acampamento eram as cinzas frias de uma fogueira e restos dispersos deixados para trás pela pressa.

A tribo havia mudado para algum lugar onde não os encontraríamos novamente, e fiquei feliz em vê-los desaparecer.

* * *

Nosso clã do norte chegou no dia seguinte. Fergus havia dito a eles que viessem. Liam estava bravo. Os números deles eram maiores que os nossos, mas a maioria era de mulheres e crianças. Bocas que deveriam ser alimentadas. Enquanto tínhamos oito homens fortes em nosso clã de onze, eles só tinham quatro em seu clã de dezesseis.

— Eles são nossos parentes — argumentou Fergus. — Os números nos fortalecerão. Olhe para Harik, o Grande. O número de seus parentes chega às centenas, e isso significa poder. Ele poderia nos esmagar de uma só vez. A única maneira de escapar é nosso clã ter um número maior de pessoas.

Liam argumentou que havia comida suficiente nas colinas apenas para alimentar o nosso clã.

— Então vamos encontrar novas colinas.

Olhei para as crianças amontoadas que temiam falar, seus olhos fundos de fome e cansadas dos dias de caminhada. Laurida jogou água na caldeira sobre o fogo para fazer o ensopado render mais e depois adicionou dois grandes punhados da carne salgada que roubamos da tribo. A mãe de uma das crianças começou a chorar. O som me cortou, estranhamente familiar, *eles ou nós*, e por um momento fugaz, fiquei feliz pelo o que roubamos.

A noite passou, irritante e desconfortável, as crianças comendo em silêncio, as palavras acaloradas entre Liam e Fergus pesando sobre o resto, Liam ainda lançando olhares aos recém-chegados. Com a sopa terminada, as crianças e as

mães encaravam sombriamente o fogo. O silêncio era sufocante. Eu preferia disputas e brigas ao silêncio tenso.

A raiva brotou em mim e eu sussurrei para Laurida:

— Por que nunca contamos histórias?

Laurida deu de ombros.

— Histórias são um luxo dos bem-alimentados.

— Pelo menos as histórias preencheriam o silêncio! — exclamei. — Ou nos ajudariam a entender o nosso passado! — E, em seguida, me abaixei, enquanto respirava olhando para o chão. — Eu nem sei como a minha própria mãe morreu.

As botas de Fergus de repente preencheram o meu campo visão. Virei para cima. Os olhos dele brilhavam de raiva.

— Ela morreu de fome — ele disse. — Ela guardou sua cota de comida e deu a você e a Steffan. Morreu por causa de vocês. Essa é a história que você queria ouvir?

Em uma noite diferente, eu poderia ter sentido as costas de sua mão novamente, mas sua expressão estava tão cheia de desgosto; o esforço para me atingir não deve ter parecido valer a pena, então ele apenas deu as costas.

Não, não era a história que eu queria ouvir.

Capítulo 13

MORRIGHAN

— Onde você estava? — perguntei, correndo para encontrá-lo quando ele saiu desceu do cavalo. Ele não viera por três dias, e eu temia o pior.

Ele me puxou para dentro de seus braços, segurando-me de forma estranha e desesperada.

— Jafir?

Ele se afastou, e foi quando vi o lado de seu rosto, um hematoma púrpura colorindo seu rosto até o maxilar, circulando sob seus olhos.

O medo desapareceu do meu peito.

— Que besta fez isso? — perguntei, alcançando sua bochecha. Ele afastou minha mão.

— Não é nada.

— Jafir! — insisti.

— Não foi uma besta. — Ele amarrou o cavalo na cerca. — Foi meu pai.

— Seu pai? — Não consegui esconder meu choque, nem queria. — Então ele é o pior tipo de animal.

Jafir se virou, esbarrando em mim.

— Ele não é um animal, Morrighan! — E então, mais baixo: — Nosso clã do norte chegou. Há muitas bocas para alimentar. Ele deve mostrar força, ou todos nos tornaremos fracos.

Olhei para ele, o medo correndo através de mim. Não era mais apenas conversa. Eles atravessariam as montanhas. Mantive a minha voz uniforme, tentando esconder meu medo.

— Você vai embora com eles?

— Eles são meus parentes, Morrighan. Há crianças pequenas... — ele balançou a cabeça e, com um tom que arrependimento e resignação, acrescentou:

— Eu sou o melhor caçador do clã.

Isso porque os parentes dele eram preguiçosos e impacientes. Eles queriam o que não tinham trabalhado. Eu tinha visto Jafir colocar cuidadosamente suas armadilhas, afiar suas flechas pacientemente, analisar o campo com o olho firme de um falcão, procurando o menor sussurro.

— Antes de irem embora, você poderia ensiná-los. Você poderia...

— Eu não posso ficar neste cânion, Morrighan! Para onde eu iria?

Eu não precisava dizer as palavras. Ele as viu nos meus olhos. *Venha comigo para a minha tribo*. Ele balançou a cabeça.

— Eu não sou como vocês. — E então mais acentuadamente, quase como uma acusação. — Por que vocês não carregam armas?

Eu me arrepiei, puxando de volta meus ombros.

— Nós *temos* armas. Nós simplesmente não as usamos contra as pessoas.

— Talvez se usassem, não seriam tão fracos.

Fracos? Meus dedos se fecharam em um punho, e mais rápida do que uma lebre, eu o golpeei no estômago. Ele grunhiu, se dobrando.

— Isso parece fraco para você, Abutre? — fiquei nervosa. — E lembre-se, nossos números são o dobro dos seus. Talvez sejam vocês quem deveriam seguir nossa deixa.

Sua respiração voltou, e ele olhou para mim, os olhos brilhando com uma vingança divertida. Ele pulou, me derrubando no chão, e nós rolamos no prado até eu ficar presa sob ele.

— Como é que eu nunca vi esse ótimo acampamento de vocês? Onde fica?

Um membro da tribo nunca deveria revelar a localização do restante, mesmo que

fosse pego. Sempre. Ele viu minha hesitação. O canto de sua boca mostrou a decepção de eu não ter confiado nele. Mas eu confiava, confiava minha vida a ele.

— Fica num vale — falei. — A uma curta caminhada daqui. Um dossel de árvores esconde o acampamento das ribanceiras acima. — Eu disse a ele que pegava a crista estreita logo à entrada deste cânion para chegar lá. — Não fica longe. Quer vir comigo para vê-lo? — perguntei, pensando que ele havia mudado de ideia.

Ele balançou a cabeça.

— Com mais bocas para alimentar, há mais caça a ser feita.

Um nó cresceu em minha garganta. Seus parentes precisavam dele. Eles o levariam para longe de mim.

— Passando as montanhas há animais, Jafir. Tem...

— Shh — ele disse, seu dedo descansando nos meus lábios. Sua mão se abriu gentilmente até cobrir todo o meu rosto.

— Morrighan, a menina da lagoa, dos livros e da sabedoria. — Ele olhou para mim como se eu fosse o ar que ele respirava, o sol que aquecia suas costas e as estrelas que indicavam seu caminho, um olhar que dizia: *eu preciso de você.* Ou talvez essas fossem as coisas que eu queria que ele visse nos meus olhos. — Não se preocupe — ele falou depois de um tempo. — Não iremos embora por enquanto.

Temos que arrumar mais suprimentos para essa jornada, e com tantas bocas para alimentar, será difícil guardar. E alguns no clã se opõem à jornada. Talvez nunca aconteça. Talvez haja uma maneira para continuarmos como estamos.

Eu me agarrei a essas palavras, querendo que fossem verdadeiras. *Tem que haver uma maneira, Jafir. Um jeito para nós ficarmos juntos.*

Atravessamos as clareiras e os desfiladeiros, deixando armadilhas, perseguindo aves e passando pelas margem dos lagos, soltando raízes com os dedos dos pés. Nós rimos, brigamos, nos beijamos e nos tocamos, pois a exploração nunca terminava. Havia sempre novas maneiras de nos conhecer.

Finalmente, com seis aves e um saco de raízes pendurado na parte de trás de sua sela, ele me disse que havia outro pedaço de seu mundo que ele queria que eu visse.

* * *

— É magnífico — falei. Estranha e bizarramente magnífico.

Nós estávamos à beira de um lago raso, a água batendo em nossos pés descalços. Jafir estava atrás de mim, seus braços ao redor da minha cintura.

— Eu sabia que você ia gostar — ele respondeu. — Deve haver uma história por aqui.

Eu não podia imaginar exatamente o que seria, mas tinha que ser uma história sobre chance, sobre sorte e destino.

Em uma colina no meio do lago havia uma porta, certamente tendo feito parte de algo maior um dia, mas o resto foi varrido. Um lar, uma família, vidas que importam para alguém. Se foram. De alguma forma, apenas a porta sobreviveu, ainda pendurada no batente, uma sentinela improvável de outra época. Ele balançou à brisa como se dissesse *Lembre-se. Lembre de mim*.

A madeira da porta era branca de tão desbotada, tão branca quanto a grama seca do verão. Mas a parte que me deixou mais admirada foi uma janela pequena, não maior do que a minha mão, na parte superior da porta. Era feita de vidro vermelho e verde, unidas de forma a ilustrar frutas maduras.

— Por que isso sobreviveu? — perguntei.

Senti Jafir balançar a cabeça suavemente. E então o sol da tarde mergulhou mais baixo e os raios atravessaram o bidro, assim como Jafir prometeu que fariam, lançando luzes lindas sobre nós.

Senti a magia daquele lugar, a beleza de um momento que em breve acabaria, e que eu queria que durasse para sempre. Eu me virei e olhei para o prisma de cor que refletia nos cabelos de Jafir, em seus lábios, minhas mãos nos seus ombros, e o beijei, pensando que talvez alguma magia pudesse fazer o aquele momento durar para sempre.

Capítulo 14

JAFIR

Liam estava morto.

Fergus o matou.

Quando cheguei de volta ao acampamento, Fergus amarrava o corpo de Liam nas costas do cavalo dele para despejá-lo em algum lugar. Havia apenas um sussurro cuidadoso entre alguns. Mesmo Steffan se manteve quieto.

Reeve me chamou de lado e me contou o que aconteceu.

Um bebê estivera berrando por toda a tarde, e Liam estava por ali, dizendo a mãe para fazer a criança ficar quieta. Quando Fergus entrou no acampamento, Liam estava atrás de uma briga. Ele decidiu provocar Fergus, e eles discutiram, mas desta vez Liam não deixava pra lá. Ele queria que os parentes do norte saíssem e o clã ficasse. Caso contrário, ele iria embora com sua parte dos grãos. Fergus advertiu que se ele tocasse em uma bolsa de suprimentos, ele o mataria, dizendo que a comida era para todos do clã, e não apenas para um. Liam o ignorou e ergueu uma bolsa em seu ombro, levando-a em direção ao cavalo.

— Fergus foi fiel à sua palavra. Ele tinha que ser. Liam traiu o clã. Ele teve que morrer. — Reeve sussurrou, sem dizer exatamente como Fergus o matara.

Os parentes do norte olharam para o espetáculo com medo e respeito. Laurida se manteve nas sombras, seu olhar fixo em Fergus, as linhas nos olhos fundos com a tristeza.

Olhei para ele, meu pai, amarrando o corpo de Liam. Determinado. Bravo.

Seu silêncio dizia mais do que qualquer outra coisa. Liam era seu irmão.

A noite foi especialmente longa, o silêncio crescendo como uma cerca espinhosa entre nós, e depois que a última das crianças foi colocada na cama e Fergus retornou com o cavalo vazio, fui para meu próprio colchão.

Steffan me deu um encontrão ao passar como que por acidente.

— Onde esteve o dia todo, Jafir? Caçando?

Olhei para ele, surpreso com a pergunta. Ele nunca falou sobre minhas caçadas, já que eu era o mais habilidoso.

— Como todos os dias — respondi. — Você não viu as raízes e a comida que eu trouxe?

Ele assentiu. E então sorriu.

— É eu vi. Muito bem, irmãozinho. — Ele deu um tapinha nas minhas costas e se afastou.

Saí cedo no dia seguinte, colocando armadilhas extras ao longo do caminho, tropeçando descuidadamente e tendo que recolocá-las. Não conseguia me

concentrar. Meu foco fora estilhaçado, saltando da minha última imagem de Liam, com os braços pendendo do cavalo de Fergus, para as palavras de Reeve, *Liam traiu o clã, ele teve que morrer*, e depois a imagem das mães que tentavam acalmar seus filhos no acampamento esta manhã, com medo de atrair outra briga. Como os animais selvagens que viviam além das montanhas seriam piores do que isso?

Depois do último conjunto de armadilhas, forcei meu cavalo mais rápido para chegar a Morrighan, bloqueando o mundo, como se o vento passando rapidamente pudesse afastar o que estava atrás de mim.

Capítulo 15

MORRIGHAN

Tem sido uma longa manhã, a preocupação me incomodando conforme as horas passavam. Mesmo que eu tivesse acabado as minhas tarefas, como capinar o jardim, reparar as cestas desgastadas e colher as novas plantas do solo, quando disse a Ama que estava saindo para coletar, ela ainda encontrou uma nova tarefa para mim, e mais outra e outra. A manhã se tornou meio-dia. Minha ansiedade me queimava enquanto eu a olhava e ela lançava olhares ao redor do vale, e quando finalmente peguei a minha bolsa para sair, ela disse:

— Leve Brynna e Micah com você.

— Não, Ama — gemi. — Eu estive trabalhando com eles durante a manhã toda enquanto fazíamos as tarefas e nenhum dos dois parava de conversar. Eu preciso de alguma paz. Não posso pelo menos coletar sozinha? — Preocupação transparecia em seu rosto, e eu parei, olhando para rugas entre as suas sobrancelhas. — O que foi? — fui até ela, pegando suas duas mãos e as apertando. — O que está te preocupando?

Ela afastou uma mecha de cabelo branco de sua testa.

— Tem havido incursões. Pata foi até a planície mais cedo para pegar sal, e viu uma tribo viajando para sul. O acampamento deles a três dias daqui para o norte foi atacado por Abutres.

Eu pisquei, não acreditando totalmente no que ela falou.

— Tem certeza?

Ela confirmou com a cabeça.

— Eles disseram a Pata que um deles se chamava Jafir. Não foi ele o Abutre que conheceu alguns anos atrás?

Eu acenei, procurando uma resposta, tentando entender tudo isso. Não, Jafir não.

— Ele era só um menino — falei. — Eu... eu não me lembro do nome dele. — Eu estava completamente sem ar. — Foi há muito tempo.

Minha mente girava, e eu não consegui me concentrar. Abutres? Jafir invadindo um acampamento?

Não.

Não.

Afastei minhas preocupações de uma vez e controlei a minha respiração.

— Estamos a salvo, Ama. Estamos escondidos. Ninguém sabe que estamos aqui, e três daqui ao norte daqui é muito longe.

— Três dias a pé, sim. Mas não para Abutres com cavalos velozes.

Eu a assegurei de novo, lembrando-a de quanto tempo estávamos aqui sem nunca ter visto qualquer um além da nossa tribo. Prometi que seria prudente, mas lhe disse que não podíamos deixar algo que acontecera a quilômetros daqui nos deixar com medo de estar em nossa própria casa. *Casa*. A palavra flutuava em meu peito, parecendo mais frágil agora.

Ela me deixou ir com relutância, e eu me apressei pelo caminho até o desfiladeiro, através do prado, para cima pelos degraus que passavam por uma caverna escura. Ele não estava lá ainda. Andei de um lado para o outro, varrendo o chão, guardando os livros, tentando manter os meus pensamentos e mãos ocupadas. Como alguém ouvira o nome de Jafir? Ele passava todos os dias comigo.

Exceto pelos três dias em que não aparecera.

Lembro de quando ele finalmente apareceu, de como ele me segurou, parecia diferente a forma como ele o fez. Mas eu conhecia Jafir. Eu conhecia o seu coração. Ele não faria...

Ouvi passos e me virei.

Ele estava de pé ao lado da porta, sem camisa como sempre durante o verão, alto, o cabelo um ninho selvagem, os braços bronzeados e musculosos, a faca guardada em sua cintura. Um homem. Mas depois eu o vi da forma que Ama e o resto da tribo o veriam. Um Abutre. Perigoso. Um deles.

— O que foi? — ele me preguntou e se apressou até mim, segurando os meus braços como se alguma parte de mim estivesse machucada.

— Houve uma invasão. Uma tribo ao norte foi atacada.

Encontrei em seus olhos tudo o que eu precisava de saber. Eu me soltei, soluços subindo até a minha garganta.

— Pelos deuses, Jaifr.

Tropecei para longe, sem conseguir ver direito, desejando estar em qualquer outro lugar. Eu cambaleei mais para o fundo da caverna.

— Deixe-me me explicar — ele implorou, me seguindo, pegando a minha mão, tentando me impedir.

Eu me libertei e me virei.

— Explicar o quê? — gritei. — O que conseguiu, Jafir? O pão deles? Uma cabra? O que tirou deles que não era seu?

Ele me encarou, uma veia aparecendo em seu pescoço. O seu peito subiu e desceu com respirações controladas.

— Eu não tive escolha, Morrighan. Eu tinha que cavalgar com o meu clã. Foi como consegui isto — ele disse, mostrando o rosto ferido. — O meu pai me obrigou a ir. O clã do norte estava vindo e...

— E as bocas de vocês eram mais importantes do que as daquela tribo?

— Não. Não é isso. É o desespero. É...

— É a preguiça! — cuspi. — É a ganancia! É a...

— É errado, Morrighan. Eu sei disso. Eu juro, depois daquele dia, eu jurei nunca mais cavalgar com eles de novo, e farei isso. Me deixou doente, mas — ele balançou a cabeça e se virou como se não quisesse que eu o olhasse. Ele parecia realmente doente.

Eu peguei o seu pulso, forçando-o a olhar para mim.

— Mas o quê, Jafir?

— Eu também entendi! — ele gritou, não se sentindo mais culpado. —

Quando vi crianças comendo, quando ouvi mães chorando, eu entendi o medo.

Nós morremos, Morrigham. Nós morremos tal como vocês! Nem todos batemos em nossas crianças. Às vezes morremos por elas – e talvez até façamos coisas indescritíveis por elas.

Abri minha boca para dar uma reposta amarga, mas ver a expressão angustiada em seu rosto me fez engolir. O cansaço me atravessou. Olhei para o chão, meus ombros de repente pesados.

— Quantas? — perguntei. — Crianças?

— Oito. — A sua voz parecia tao fina quanto neblina. — A mais velha tem quatro, e a mais nova tem alguns meses.

Fechei os meus olhos com força. Ainda não era desculpa!

— Morrighan. Por favor.

Olhei para cima. Ele me puxou até o seu peito, e as minhas lágrimas quentes molharam seu ombro.

— Desculpa — ele sussurrou no meu cabelo. — Eu prometo que não vai acontecer de novo.

— Você é um Abutre, Jafir — falei, sentindo-me impotente sobre o fato de ele ser quem ele era.

— Mas eu quero ser mais. Eu *vou* ser mais.

Ele ergueu a minha cabeça até a dele, beijando uma lágrima que escorregava pela minha bochecha.

— Então. é isto o que tem caçado nos últimos dias.

Jafir e eu nos separamos, assustados pela voz.

Um homem passou pela porta, andando em uma forma casual.

— Bom trabalho, irmão. Achou a tribo. Onde está o resto?

— O que está fazendo aqui? — Jafir exigiu.

— Menina bonita. Qual o seu nome, menina? — Ele perguntou, ignorando Jafir. Os seus gélidos olhos azuis passaram por mim, e eu me senti como uma

presa na frente de um animal faminto. Ele se aproximou, me examinando, e depois sorriu.

— Ela é uma retardatária da tribo que invadimos — Jafir respondeu. — Eles estão se mudando.

— Eu não me lembro de tê-la visto com eles.

— Isso é por que o seu olhar estava em outra.

Eu não conseguia respirar. O meu coração batia de uma forma selvagem.

— Mudando, mas não antes de ter uma pequena diversão. — Ele me olhou de novo. — Venha até aqui — ele disse, acenando a sua mão me incentivando a me aproximar. — Eu não mordo.

Jafir se colocou na minha frente.

— O que você quer, Steffan?

— Só o que você tem aproveitado. Somos irmãos. Nós dividimos.

Ele se moveu para passar por Jafir, mas Jafir se jogou contra ele. Eles tropeçaram para trás e bateram com força na parede. Pó choveu sobre os dois.

Mesmo que Jafir fosse mais alto, Steffan era mais forte, parecido com um touro, e ele tinha punhos pesados. Ele socou a cara de Jafir, e depois de novo no maxilar.

Jafir tropeçou para trás, mas depois balançou-se para frente e o seu punho acertou o queixo de Steffan. Ele se jogou contra o irmão de novo, e desta vez derrubando-o no chão, e em um instante a sua faca estava na garganta de Steffan.

— Vá em frente, irmão — Jafir disse entre respirações pesadas. —Mexa-se!

Eu adoraria cortar a sua garganta! — Ele pressionou mais a faca.

Steffan me encarou, e depois olhou para o seu irmão.

— Você é ganancioso, Jafir. Fique com ela só para você, então — ele falou.

— O tipo dela é estupido e ignorante mesmo.

O peito de Jafir subia e descia com raiva, os seus punhos ainda apertando a faca, e pensei que ele cortaria a garganta de seu irmão, mas ele finalmente se levantou e ordenou que o outro se levantasse também. Steffan fez o que lhe foi mandado, limpando a poeira das suas roupas indignadamente, como se ele já não estivesse sujo antes da briga.

— Vá — Jafir ordenou. — E nunca mais volte aqui. Entendeu?

Steffan sorriu com desdém e foi embora. Jafir manteve-se de pé na porta observando-o ir.

Isso era tudo? Ir embora?

Minhas mãos tremiam incontrolavelmente, e eu as mantive em minha lateral, tentando fazê-las parar de tremer. Eu não tinha dito nada durante esse tempo todo — minha garganta se fechara por causa do medo. Um murmúrio instável finalmente saiu.

— Jafir. — Terror martelava o meu coração. — Como ele nos encontrou?

Os olhos de Jafir estavam arregalados, e o seu lábio sangrava, gotas caindo e manchando o seu peito.

— Eu não sei. Ele deve ter me seguido. Eu sempre fui prudente, mas hoje...

— O que você vai fazer? — eu solucei. — Ele vai voltar! Eu sei que sim!

Jafir segurou as minhas mãos, tentando parar a tremedeira.

— Sim, ele vai voltar, o que quer dizer que você nunca mais pode voltar aqui, Morrighan. Nunca. Nos acharemos um novo lugar para...

— Mas e a tribo! Eles não estão longe daqui! Ele os encontrará! Como você pôde deixar que ele te seguisse, Jafir? Você prometeu! Você... — eu me virei, passando as costas da mão na testa, tentando pensar, ansiedade crescendo dentro de mim.

Jafir segurou-me pelos ombros.

— Ele não encontrará a tribo. Você mesma disse, o vale é bem escondido.

Eu nunca o encontrei. Steffan é preguiçoso. Ele nem tentará.

— Mas e se ele falar para outros?

— Falar o quê? Que ele achou uma menina de uma tribo que já invadimos?

Uma tribo que já tinha deixado o seu acampamento, e já estava se mudando?

Você não tem nenhum valor para eles.

Jafir insistiu em me acompanhar até a cordilheira que me levaria de volta para a minha tribo, só para o caso de seu irmão não ter ido embora de verdade, mas Steffan não estava lá. O prado e o desfiladeiro pareciam calmos como sempre, sem nenhum barulho ou perigo. O meu coração começou a bater normalmente de novo. Jafir disse que me encontraria em uma fenda no desfiladeiro em três dias. Para dar um tempo para Steffan se assentar e acreditar que a tribo invadida já tinha ido embora de verdade e estavam fora de alcance.

Ele apertou a minha mão enquanto eu descia do seu cavalo, e me olhou como se fosse a última que vez que me veria, com rugas entre as suas sobrancelhas.

— Três dias — ele disse de novo.

Eu assenti, ansiedade presa em minha garganta, e finalmente tirei a minha mão da dele.

Capítulo 16

JAFIR

Meu rosto ardia por causa do vento. Eu cavalgava o mais rápido possível, pegando as armadilhas enquanto passava. Elas estavam todas vazias, mas eu não me importava. A única coisa que estava em minha mente era Steffan e a forma como ele tinha sorrido para mim ontem à noite. Eu entendia agora. Ele tinha nos visto, me viu cavalgando com Morrighan. Ou talvez enquanto nos banhávamos no lago?

Refiz os nossos passos, pensando em onde que ele poderia ter nos visto. Eu nunca a levei para perto do nosso acampamento, e Steffan era preguiçoso e quase nunca ia para longe. Mas Fergus estivera de mau humor desde a chegada do clã do norte. Mais insistente em aumentar as nossas reservas. Ninguém podia volta com as mãos vazias, e — de repente o esclarecimento veio — é claro que Steffan me seguiria, já que eu era um caçador melhor que ele. Talvez tivesse sido ele quem esvaziara as minhas armadilhas.

A imagem dele andando até nos apareceu em meus pensamentos de novo.

Parado na porta, composto e confiante, com aquele mesmo sorriso que me mostrou na noite passada.

Medo nasceu dentro de mim, e as minhas mãos se apertaram nas rédeas.

Há quanto tempo ele estava lá, nos escutando? Medo explodiu em minhas veias.

Morrighan. Tentei lembrar de todas as palavras que eu disse, mas tudo era uma confusão em minha cabeça — eu tentando convencê-la de que nunca mais invadiria uma tribo, o desespero em seus olhos, o desapontamento, as minhas promessas... Será que eu disse o nome dela? Será que ele me escutou chamá-la de Morrighan?

Qual é seu nome, menina? , ele perguntara.

Por que que Steffan se preocuparia com um nome a não ser que suspeitasse? A não ser que ele o tivesse escutado.

E o nome Morrighan era de grande importância — pelo menos para uma pessoa

— o que obviamente seria importante para Steffan também.

Quando voltei para o acampamento, saltei do meu cavalo sem me incomodar em prendê-lo. Laurida carregava uma criança em suas ancas, deixando-a tomar um gole de uma sopa.

— Onde está Steffan? — exigi.

Ela olhou para mim, levantando uma sobrancelha em suspeita.

— Qual é a pressa? — ela perguntou. — Stefan acabou de passar correndo também. Ele esta lá embaixo no pavilhão com os outros. Harik e os seus homens se encontraram Fergus – estão dividindo o ensopado.

Suor escorria pelo meu rosto. *Não, Harik não. Não hoje*. Corri até o pavilhão, mas era tarde demais. Steffan dava a volta no círculo frio do fogo, anunciando para todos a sua descoberta – uma menina das tribos.

— Eu a encontrei — ele falou. — Morringhan.

O grupo se silenciou. As feições de Harik se endureceram, e ele se curvou para frente. Mas é claro que Steffan não tinha me mencionado – a descoberta tinha que ser toda dele. Ele atiçou a atenção de Harik e Fergus, contando a história de sua furtividade.

Eu o encarei.

— Como você sabe que era ela?

— Ela conversava com um garoto estúpido que disse o nome dela.

Quando Fergus perguntou por que ele não a trouxera, Setffan afirmou que ele estava em seu cavalo em uma cordilheira acima deles, e quando a menina o viu, eles fugiram. Mas ele viu a direção que tomaram. O acampamento não ficava longe.

Eu estava quase impressionado pela forma como ele inventava as historias.

Eu sabia que não era para me proteger, mas para guardar a glória toda para ele.

Harik tomou um longo gole da sua sopa.

— Então quer dizer que a velha também estava perto. Tantos anos... — ele disse mais para si mesmo que para nós. A sua voz estava cheia de curiosidade. —

Os esoques deles devem estar cheios. — Mas o interesse dele parecia estar em outra coisa além da comida.

Eles começaram a fazer planos para cavalgar até o acampamento, mas Steffan rapidamente recuou, dizendo que não tinha visto exatamente para onde tinham ido, mas que poderia liderá-los próximo o suficiente, e que à noite eles com certeza veriam um fogo que os guiariam.

Dei um passo à frente, zombando da alegação de Steffan.

— Eu vi a tribo que invadimos há alguns dias se dirigir para sul. Ela provavelmente fazia parte deles. Por que desperdiçar o nosso tempo?

Steffan insistiu que ela não era um deles, e quanto mais eu discutia, mais ele ficava irritado — mais todos ficavam irritados, exceto Harik. Ele me olhava com olhos frios, o seu queixo se levantando lentamente. Todos perceberam e se calaram.

— Deixem o rapaz ficar para trás se é isso o que ele quer — ele disse enquanto se levantava. — Mas ele não aproveitará os frutos da nossa incursão.

— Ele olhou para Fergus à procura de confirmação.

Fergus me encarou. Eu o humilhei na frente de Harik.

— Nada — ele confirmou.

Eles foram todos até os seus cavalos — os nossos homens e Harik, com seus quatro. Eu não podia impedir todos. Tinha que ir com eles.

— Eu também vou — falei, já pensando em formas de despistá-los. E se eu não conseguisse e eles encontrassem o acampamento, eu sabia que teria que me pôr entre Steffan e Morrighan.

Capítulo 17

MORRIGHAN

Entre mim e Jafir, já se passou uma vida. Parece que não existia nada antes

— nada pelo menos que importasse. Eu contava os meus dias não pelas horas, mas sim pelos raios de cores que dançavam em seus olhos enquanto ele olhava para mim, pelo sol em nossas mãos entrelaçadas, pelos nossos ombros que se tocavam enquanto líamos. O seu sorriso aparecia mais facilmente agora, a imagem de um menino magrelo carrancudo era só uma memória. O seu sorriso.

O meu estômago se apertava.

Nós tínhamos algo entre nós que já durava tanto e que era importante demais para ser estragado por causa de um dia — ou por causa de um simples erro. Ele me prometeu que nunca mais cavalgaria com eles. E agora me prometeu três dias. Daqui a três dias nos veríamos de novo. Começar do começo de novo, faremos planos para encontrar um lugar mais seguro para nos encontrar.

Durante algumas horas, esse pensamento me confortou mais do que eu poderia imaginar. Era sobre o futuro. *Três dias*. Jafir acreditava que tudo ficaria bem. Isso passaria. O meu estômago se acalmou. O meu pulso desacelerou. Não era preciso alertar o resto da tribo e preocupá-los.

Eu fiz as minhas tarefas da noite, mas sabia que a Pata e Oni tinham percebido que eu não tinha trazido nada de volta comigo hoje. Eu sempre trazia algo, mesmo que só algumas sementes, ou uma mão cheia de ervas. Mas eles não disseram nada para Ama, que estava ocupada amarrando o javali com Vicente.

Talvez eles pensassem que eu estava doente. Esfreguei a minha testa algumas vezes e os vi assentindo um para o outro. Tentei fazer com que todas as minhas ações e palavras fossem casuais.

Mas enquanto o crepúsculo se transformava em noite, mesmo enquanto nos levantávamos as peles e as coberturas para poder deixar a brisa passar pela cabana comum nesse calor do verão, mesmo enquanto eu adicionava galhos e ramos na fogueira para que continuasse a arder, eu sabia. Eu e Jafir não nos encontraríamos na fenda em três dias. Nós nunca mais nos encontraríamos lá.

Só na tristeza.

No medo.

Na necessidade.

É neste ponto que o saber ganhava asas.

Ama me explicara de várias maneiras. Para os poucos que tinham sido deixados para trás e que não tinham nada, eles retornaram para esta forma de saber. Era como eles sobreviviam.

Mas este saber que me esmagava a barriga não me parecia nada igual a asas.

Na verdade, parecia mais algo escuro e pesado, espalhando-se, esmagando cada canto da minha espinha um por um, como se fossem passos chegando mais perto. Estes dias viriam e passariam, e Jafir não apareceria.

Eu me encostei no poste da cabana, olhando para os espaços escuros entre as árvores onde os grilos cricrilavam as suas canções noturnas, sem saberem o que eu sentia. Os gêmeos dançavam perto da fogueira, excitados pelo javali.

Mesmo que já tivessem oito anos, nunca tinham comido um, e o seu aroma dançava pelo ar, vigoroso e salgado. Carys derrubara o javali enquanto colhia cogumelos nas sombras do choupo. Era uma ocasião rara.

Nós comíamos fora da casa, sentados em tapetes em volta da fogueira, e depois de ter comido, eu me senti melhor. Nedra assobiava uma música, melhorando o ar festivo. Meu humor melhorou temporariamente, e eu me perguntei se o que estava me incomodando era a fome.

Mas enquanto eu me levantava e olhava para extensão do vale, o máximo que a luz da fogueira me deixava ver, aquela sensação voltou, tirando-me o fôlego. Não fazia sentido. Não havia nada além de paz, mas então Ama apareceu atrás de mim e colocou uma mão em meu ombro.

— O que está sentindo? — ela perguntou.

Eu vi nos seus olhos também.

— Vamos apagar o fogo — ela disse — e levar as crianças e os outros para dentro.

Mas já era tarde demais.

O som rugiu pelo ar, o som dos cascos parecia vir de todos os lados. Todos pareciam confusos — os gêmeos gritaram, todos se virando, procurado saber o que era todo aquele barulho — e depois lá vinham eles, os Abutres nos rodeando com seus cavalos para ter certeza de que ninguém fugiria. A tribo estava imóvel de choque enquanto os Abutres nos encurralavam, todos nós silenciados a não ser pelos soluços de Shantal. Mesmo que dois anos tivessem se passado, a morte de Rhiam ainda estava em nossas mentes.

O líder, Harik, deu o sinal para os outros cavaleiros, que tinham ficado para trás nas sombras, e eles seguiram como tempestade pela cabana comum, derrubando paredes enquanto passavam. Eles desmontaram e começaram a pegar sacos de grãos e feijão seco que tínhamos estocado para o inverno, procurando por outros alimentos, pegando peles das paredes, enchendo as suas sacolas com tecidos e roupas, pegando tudo o que queriam e jogando o resto fora.

Outro Abutre, que os outros tinham chamado de Fergus, mandou que procurassem nas sombras com tochas, em busca de gaiolas de animais. Ouvimos os sons das nossas galinhas quando eles as encontraram. Eles as colocaram em sacolas também.

Era um redemoinho de movimentos — peles e braços e fervor — era difícil distinguir um Abutre do outro no seu entusiasmo descuidado. Mas então havia cor. Um movimento. Uma bochecha. Um peito. Um fio de cabelo.

A algazarra de repente se distorceu e foi abafada, o mundo estava se desacelerando. Virando do avesso.

Jafir.

Jafir estava com eles.

Ele pegou um saco grande de grãos e colocou no lombo do seu cavalo.

Os meus ossos viraram água.

Ele os guiara até aqui. Trabalhou lado a lado com o seu irmão. Eles tinham talento em saquear. Tudo acabou rapidamente, e eles deixaram a casa para nos cercar.

Os olhos de Jafir encontraram os meus, e o meu torpor desapareceu.

Eu tremia com raiva. Eles não tinham nos mostrado nenhuma compaixão ou misericórdia. Steffan alcançou o que restava do javali, e o enrolou em uma pele para levá-lo também. Eu vi a faca que Carys tinha usado para cortar a carne a um braço de distância de mim, pousada sobre uma pedra.

— Deixe-nos alguma coisa! — gritei enquanto dava um passo para frente para pegá-la, mas Ama, mais rápida que um relâmpago, me puxou para trás.

— Fique quieta, criança — ela sussurrou — deixe que levem.

Harik virou o seu cavalo quando ouviu a minha voz, e o guiou até mim. A suas lâminas prateadas balançaram aos seus lados, e ele olhou para mim.

— Ela está crescida.

Ama me puxou para trás dela.

— Você e os seus ladrões já pegaram o que queriam, Harik. Agora nos deixem.

Ele era um homem de estatura grande, as sobrancelhas cheias, os punhos pesados e carnudos. Mas eram os seus olhos que me assustavam mais. Eles se estreitaram enquanto ele me estudava antes de olhar de volta para Ama.

— É o meu direito, velha, ter o que é do meu sangue.

Ama não cedeu, e eu estava surpresa com a familiaridade entre eles.

— Você não tem direito nenhum aqui — ela disse. —Ela não é nada sua.

— É isso o que você queria que eu acreditasse. — O olhar dele voltou para mim. — Olhe para o cabelo dela. O olhar feroz. Ela quer nos matar. Isso vem de mim.

Eu não podia me enganar sobre o orgulho presente em sua voz. O meu estômago revirava, o meu coração doía. Senti o meu jantar subir pela minha garganta, o

javali vivo e corajoso. A minha memória se enchia de sussurros de Ama, Oni e Nedra, sussurros que eu tinha negado há muito tempo. A verdade.

Olhei de volta para ele, engolindo o meu nojo e vergonha.

— Você não é nada para mim além de um animal, como os outros.

Steffan se precipitou para cima de mim, jorrando lições sobre respeito e sobre a minha falta dele, mas Jafir pulou na sua frente, empurrando-o para o lado e avançando até mim no seu lugar. Ele levantou o braço, a parte de trás da sua mão pronta para me bater.

— Segure a sua língua, menina, a não ser que queira que eu a arranque. —

Ele se aproximou, a sua voz parecendo um rosnado. — Você me entendeu?

Agora, volte para trás para perto dos outros.

Os meus olhos ardiam. Quem era ele? Não o Jafir que eu conhecia. A minha visão se embaçou.

— Como você pôde fazer isso?

Ele me encarou, o seu rosto e o peito brilhando com o suor à luz da fogueira.

Ele cheirava a cavalo, sujeira e engodo.

— Dê um passo para trás — ele me ordenou de novo, trincando os dentes.

Eu o encarei também.

— Eu te odeio, Jafir de Aldrid — sussurrei. — E prometo que amaldiçoarei o seu nome e que o odiarei até o meu último fôlego.

— Já basta! Vamos embora! — Harik gritou, virando o seu cavalo. — Nós temos o que queríamos — e então encarou Ama — por enquanto.

Eles foram embora, Jafir por último, os seguindo.

A partida deles foi apressada e selvagem, tal qual a sua chegada, e Pata gritou, tentando evitar o cavalo que ia em sua direção. Ela caiu, mas os cavalos

continuaram. Um pisou nela, esmagando a sua perna. Ela se contorceu com dor, e nós corremos para ajudar. Carys a examinou e disse que a perna estava quebrada. Seis de nós a levantamos gentilmente e a carregamos até o que restava da cabana para deitá-la entre os escombros espalhados. Carys começou a examinar a sua perna enquanto Onis sussurrava palavras de conforto na orelha de Pata.

Micah veio correndo do escuro, arrastando uma bolsa atrás dele.

— O último deles deixou isto cair! Escorregou da sela, e ele nem percebeu.

— Então pelo menos temos algo pelo o que sermos gratos — Ama falou, enquanto fazia um inventário das coisas que foram saqueadas.

Uma bolsa de aveia.

Eu não ficarei grata por isso! E nunca mais deixarei a minha mão de lado quando uma faca estiver ao meu alcance.

Capítulo 18

A festa durou até tarde da noite. Eles empilharam o que roubamos no abrigo, comeram o que sobrou do javali, e beberam generosamente do caldo de Harik. Fergus estava de bom humor, olhando para a pilha.

— O nosso clã partirá amanhã — ele disse como se, com esse saque, nunca mais haveria melhor momento. Mas Harik olhava a pilha também. Uma grande parte era dele. Ele e os seus homens ficarão durante a noite, e de manhã voltarão para a sua fortaleza do outro lado do rio. Com a maré alta, era muito perigoso atravessar durante a noite. A água já ultrapassava o seu limite.

Eu me deitei em meu saco de dormir, olhando para a abertura entre os caibros abertos. Exaustão me tomou. Cada parte do meu corpo já estava pronta para sucumbir já fazia horas. Eu tinha feito tudo para despistá-los, até mesmo dizendo que tinha visto fogo na direção oposta. Mas quando o cheiro forte de javali assado apareceu em nossa trilha, não havia nada que os pudesse parar.

Os meus músculos tinham se transformado em pedras, assistindo Harik e Steffan, à espera do que os dois fariam. Assistindo a todos.

E depois vendo Morringham. Os seus olhos. A sua expressão.

Eu te odeio, Jafir... o odiarei até o meu último fôlego.

Fechei os meus olhos.

Nos iríamos embora. Ela ficaria grata por isso. Ela nunca mais terá que me ver.

Mas eu sempre a veria. Até o meu último fôlego, sempre será o rosto dela que eu verei quando fechar os meus olhos antes de dormir, e o seu rosto novamente quando acordar a cada dia. Eu me forçarei a apagar as últimas palavras que ouvi vindo dos seus lábios. Eu me lembrarei das outras.

Eu te amo, Jafir de Aldrid. Palavras que, agora, eu sabia nunca ter merecido.

Eu finalmente adormeci logo antes do amanhecer, e acordei tarde. Quando saí, Steffan estava dormindo esparramado no chão, na frente da porta, ainda cheirando ao caldo de Harik. Passei por cima dele e vi Laurida e Glynis embalando os pertences, amarando-os nas várias peles que roubamos ontem à noite. Lá embaixo, perto do pasto, vi outras pessoas carregando os cavalos com mais coisas.

— Fergus precisa da sua ajuda com os mantimentos lá no abrigo — Laurida falou para mim.

Quando cheguei lá, ele estava sozinho, colocando os sacos em estantes.

— Onde estão Harik e seus homens? — perguntei.

— Já foram embora.

Fergus não olhou para cima, ainda ocupado com os mantimentos, as olheiras escuras pela falta de sono.

Olhei para o saque. Ainda estava tudo aqui.

— Harik não levou a parte dele?

— Presente dele para nós. Ele estava relutante de ir embora sem nada, mas a menina foi suficiente. Nos agradeceu por tê-la encontrado.

Eu ainda estava grogue da falta de sono e pensei ter perdido algo.

— O que você quer dizer com “a menina foi suficiente”?

— Ele acha que ela tem o saber, como a avó. Ele foi buscá-la antes de atravessar a ponte.

— Ele vai levá-la? Agora?

— É direito dele. Ela...

— Não! — balancei a cabeça, virando-me para todas as direções, tentando me concentrar. *Pense, Jafir*. — Não. Ele não pode...

— Para de latir como um coiote machucado! — Fergus surtou.

Eu me virei para encará-lo.

— Há quanto tempo ele se foi?

— Há uma hora. Talvez mais. — Ele fitou os alimentos roubados e começou a me falar sobre como os arrumaria perto dos cavalos. — Junto do restante, haverá o suficiente para...

Agarrei um saco grande de grãos, tirando-o da prateleira.

— Eu preciso disto! — Ele se moveu para me parar, e eu o empurrei. — Eu vou levar. Afaste-se!

Os seus olhos se encheram de descrença, e depois de raiva. Eu nunca o tinha desafiado antes. Ele veio contra mim, e eu desviei, dando um murro no seu maxilar e o derrubando no chão. Ele ficou lá, deitado, chocado pelo murro. Peguei o saco de grãos e corri até o meu cavalo sem olhar para trás.

Capítulo 19

MORRIGHAN

— A velha a envenenou contra mim.

— Não foi preciso de veneno. Você mereceu o meu ódio por conta própria.

— Morringhan — ele falou, não para mim, mas para o ar. Ele deu um suspiro baixo, como se o nome trouxesse tristeza. — Ela escolheu o seu nome muito antes de você ter nascido. Eu gostava da sua mãe.

Fechei os meus olhos. Eu não queria ouvi-lo falar da minha mãe. Eu me virei para o lado desejando poder dar um tapa em sua cara.

— Se gostava tanto dela, por que roubou a minha tia também?

— Eu não roubei nenhuma das duas. Venda veio por vontade própria, e a sua mãe nunca deixou a tribo. Ela se encontrava comigo em segredo. Nenhum de nos sabia que o coração dela era fraco demais para ter um filho.

— Eu não quero ouvir mais — falei.

— Se quer negar a verdade, que seja, mas precisa enfrentar a verdade...

— A verdade? — interrompi. — A verdade é que você enganou a minha mãe! A iludiu! Assim como iludiu Venda!

Senti o seu peito corpulento subir atrás das minhas costas com uma respiração raivosa.

— Essa é a verdade de Gaudrel. A minha é outra. Fique quieta agora, menina. Estou cansado das suas conversas. A partir de agora você faz parte da minha casa. Isso é tudo o que precisa saber.

Um dos seus homens bufou como se Harik já tivesse me deixado falar muito.

Eu era menos que uma prisioneira para eles. Era uma propriedade. Mas sabia que eu era algo a mais também. Algo tão vergonhoso que nem a Ama queria falar sobre isso.

Eu era uma deles. Mestiça. Era por isso que ela tinha mentido sobre o meu pai estar morto? Tinha esperança de que, ao apagá-lo da minha memória, o apagaria do meu sangue também? Havia alguma parte de mim — a parte que era a filha dele — aguardando para subir à superfície? Minha pele formigava só de pensar nisso, e eu queria poder apagá-lo da minha mente. A fortaleza do outro lado do rio crescia enquanto nos aproximávamos, ruínas que em breve seriam a minha casa. Eu me lembrei de Ama enquanto ela tentava se aproximar de mim, e lágrimas caíram dos meus olhos de novo.

Nós estávamos fazendo uma maca para carregar a Pata quando eles chegaram. Mais uma hora e já teríamos ido embora, mas ninguém esperava outra aparição tão cedo. Não tínhamos mais nada para eles levarem — pelo menos era

o que pensávamos. Eu já tinha tentando parar as lágrimas durante a manhã toda.

A visão de Jafir aparecia de novo e de novo em meus pensamentos, os eventos rodando, as suas palavras, tão tensas e calculadas, *Você me entendeu? Agora, volte para trás.* Algo sobre elas não parecia certo, não se encaixava com o resto.

Um dos capangas de Harik desacelerou o seu cavalo e sentou-se ereto na cela, olhando para o horizonte.

— Alguém está se aproximando — ele disse.

Todos pararam, e nós nos viramos para ver um cavaleiro galopando através o chão árido, deixando uma trilha de poeira atrás dele. Eu balancei a cabeça, confusa. Eu sabia quem era. O que ele estava fazendo?

O bruto relaxou em sua cela.

— É só um dos homens de Fergus.

Harik desceu da sua cela, me puxando ao mesmo tempo, anunciando que faríamos uma pequena pausa enquanto esperávamos pelo mensageiro do Fergus. Ele empurrou um cantil de couro com água para mim, mas eu recusei.

— Você vai beber mais cedo ou mais tarde. E vai me agradecer por isso.

— Eu nunca vou agradecer-lhe por nada.

As rugas da testa dele se acentuaram como se ele já tivesse perdido toda a paciência, os seus pulmões se encheram de ar, e pensei que ele iria me bater, mas então ele pausou, me analisando, e algo passou por seus olhos. Ele piscou e olhou para longe. Eu me perguntei se ele vira a minha mãe em mim quando me olhou. Ama dizia que eu parecia muito com ela, sem contar com o meu cabelo.

O som selvagem de cascos aumentou, e Jafir chegou, parando o seu cavalo rapidamente. Ele desceu da sela, mas evitou o meu olhar, olhando só para Harik.

Ele não perdeu tempo nenhum em explicar a finalidade da sua visita.

— Eu vim fazer um acordo. Um saco de grãos por ela.

Harik olhou para ele, e depois começou a rir, quando percebeu que Jafir falava sério.

— Só um saco de grãos? Por ela? Ela é muito mais preciosa que isso.

Os olhos de Jafir ferveram.

— É tudo o que eu tenho. Você vai aceitar.

Por um momento todos prenderam o fôlego, e depois ouvimos risos abafados dos homens de Harik. As mãos deles foram para as suas espadas, impacientes para sacarem-nas da bainha. Olhei para Jafir, os pés plantados no chão, como se nada pudesse tirá-lo dali. Tudo o que ele carregava era uma adaga.

Estaria maluco?

Eu arrancaria o meu próprio coração antes de permitir que algo acontecesse a ele.

— Está se ouvindo, menino? — Harik perguntou. — Ainda está bêbado de ontem à noite?

— Eu não estou bêbado. Estou esperando.

— E se eu não aceitar o acordo, o que vai acontecer?

A mão de Jafir foi parar em sua adaga, segura, mas ameaçadora.

— O senhor é um homem de bom senso. E sabe sobre valor. Sabe o que é melhor. Você ficará com os grãos.

Harik coçou o queixo como se achasse graça na audácia de Jafir, e a sua outra mão se moveu para a bainha da espada. Respirei fundo, engasgando um soluço. O olhar de Harik caiu sobre mim. Eu não conseguia respirar. Ele me analisou, a expressão ilegível, e então ele grunhiu, balançando a cabeça.

— Então é assim.

Ele olhou de novo para Jafir, rugas riscando a sua testa em um ar carrancudo.

— É um estúpido, menino. Eu que estou ganhando nesse acordo. Ela é só problema. Como queira! Fique com ela!

Ele me empurrou para Jafir, e eu tropecei, quase caindo aos seus pés. Me endireitei e olhei de volta para Harik com incerteza, imaginando se era um truque.

Os seus olhos permanceram um pouco mais em mim, e então ele se virou abruptamente para Lasky:

— Pegue o saco de grãos do cavalo dele, e vamos!

— Suba no cavalo, Morrighan — Jafir ordenou detrás de mim. — Não temos muito tempo.

Eu me virei, olhando para ele, os seus olhos ainda cheios de fúria. Raiva cresceu em mim, e a minha mão voou até o rosto dele. A dele se ergueu, apanhando o meu pulso no meio do ar. Nossos braços tensos um contra o outro, os nossos olhares se prenderam, e ele me puxou para si, os seus braços me envolvendo, os meus ombros sacudindo, o seu peito ficando molhado com as minhas lágrimas.

— Eu não tive escolha, Morrighan — ele sussurrou. — Eu tive que cavalgar com eles. Steffan contou aos outros sobre você. Tentei despistá-los, mas eles sentiram o cheiro do javali assando.

Ele se enrijeceu e me afastou. Endireitou os ombros. Ele parecia diferente.

Distante. Mais velho. Tinha linhas nos seus olhos que não estavam lá ontem.

— Eu a levarei de volta para o seu acampamento.

— Então quer dizer que você não estava tentando me comprar com o meu próprio saco de grãos.

Ele fungou.

— Você nunca mais terá que me ver de novo. Eu sei que ficará contente em ouvir isso. Vou embora com o meu clã. Eles ainda precisam de mim.

Olhei para ele, uma nova dor surginfo dentro de mim. Abri a minha boca, mas nenhum som saiu.

— Você vai embora — repeti.

— Isto não pode ser tudo o que há — ele disse — isto não é vida para se viver. Tem de haver algum lugar melhor que este. Em algum lugar. Um lugar onde as crianças do meu clã poderão viver uma vida diferente daquela que eu vivi. —

Ele trincou os dentes, e disse depois com um tom mais sério: — Um lugar onde as pessoas possam se apaixonar por quem quiserem e não precisem ter vergonha disso.

Ele pegou as rédeas do cavalo e fez gesto para eu subir.

Tudo o que eu queria era poder voltar para perto da minha tribo, mas eu hesitei, sentindo algo me cutucar por dentro, as suas palavras mexendo comigo. *Algum lugar*. Ele fez outro gesto, impaciente, e coloquei meu pé no estribo. Ele se montou atrás de mim, segurando as rédeas com os braços à minha volta como já fizera muitas vezes, mas agora os seus braços pareciam rígidos contra a minha pele, como se ele estivesse tentando não me tocar. Nós cavalgamos em silêncio. Eu me lembrei dos grãos com as quais ele tinha me trocado. Os *meus* grãos. Não dele. Eu tinha o direito de estar irritada. Eu não lhe devia nada.

Mas ele não tinha me traído.

Não da forma como eu tinha imaginado. Eu fui rápida em pensar no pior sobre ele.

E quase agora mesmo, ele arriscara a própria vida para me libertar de Harik.

Ele vai embora. Hoje.

— É perigoso do outro lado da montanha — lembrei a ele.

— É perigoso aqui — ele replicou.

Eu me recostei em seu peito, forçando-o a me tocar.

Ele limpou a garganta.

— Piers me disse que viu o oceano do outro lado das montanhas quando era um menino.

— Ele deve ser da mesma idade de Ama, se ainda se lembra.

— Ele não se lembra de muito. Só do azul do mar. Nós vamos procurar por isso.

Azul. Um oceano que nem deve existir mais. Era a busca de um tolo. Mas as memórias de Ama tinham incentivado os meus sonhos.

Existem realmente tais jardins, Ama?

Sim, minha criança, em algum lugar. E um dia você vai encontrá-los.

Em algum lugar. Coloquei os cabelos que voavam em meu rosto para trás das orelhas e olhei em frente para a paisagem árida, através do vento. Não, eu nunca encontrarei tais jardins, e Jafir não encontrará o seu azul. Ele e o seu clã nunca conseguirão chegar lá. *Eles todos morrerão. Em breve*. O saber me queimou por dentro tão real quanto o peito de Jafir atrás de mim. *Eles morrerão.*

— Jafir...

— O quê? — ele respondeu, com um tom afiado, como se escutar mais argumentos de mim fosse demais para ele suportar.

Não há futuro para nós, Morrighan. Nunca haverá.

Balancei a cabeça.

— Nada.

Houve um tempo quando acreditei que havia uma forma de nós podermos ficar juntos, mas isso parece agora tão distante quanto os jardins de Ama.

Capítulo 20

MORRIGHAN

Nós vimos ao mesmo tempo. Era uma nuvem de poeira subindo atrás de um monte, e em segundos, a nuvem se transformou em outra coisa. Uma caravana.

Cavalos carregados de pacotes. Parecia uma pequena vila, mesmo que eu já conhecesse os números. Jafir me contou. Vinte sete, oito sendo crianças. Sete deles se distanciaram do grupo, uma tempestade de cascos ressoando, músculos e loucura vindo em nossa direção.

Jafir puxou as rédeas e disse um palavrão.

Eles pararam, nos cercando.

— Desçam — um deles ordenou.

Jafir sussurrou o seu nome para mim. Era Fergus, o seu pai. Eu desci da sela, seguida por Jafir.

— Fique atrás de mim — ele ordenou.

Mas eles se moviam com a destreza de lobos, colocando-se em um círculo à nossa volta. O meu coração martelava em meu peito.

Sem nenhum aviso, Fergus foi para frente, o seu punho voando pelo ar, alcançando jafir e o mandando esparramado nos braços de dois outros. Eles o seguraram para que ele não caísse. Sangue escorria da boca de Jafir.

Eu gritei e me apressei até ele, mas Steffan me segurou, puxando-me para trás.

— Onde está o meu grão? — Fergus gritou para Jafir, o rosto contorcido coma fúria.

— Eu dei para Harik. Já foi.

Fergus olhou para mim, os seus olhos se arregalando.

— Por ela? — ele gritou em descrença. — Deu a ele em troca *dela*?

Jafir limpou a sua boca com as costas da mão.

— Eu e ele fizemos um acordo. Tem que respeitá-lo. Deixe-a ir, ou desonrará Harik.

Um grunhido destorceu a face de Fergus.

— Honra? — ele riu e andou até mim, aproximando o rosto do meu. A sua respiração era ácida, e os seus olhos eram adagas de vidro. — Você tem o saber, garota?

Hesitei, não sabendo o que dizer. Eu não devia a verdade a este homem. O

olhar de Jafir se prendeu ao meu, e vi a miséria em seus olhos. Ele balançou um pouco a cabeça. *Não*. Se eu não tivesse valor, eles ainda poderiam me deixar ir.

Olhei para a multidão que tinha se juntado atrás dele. O resto do clã tinha chegado, um mar de olhos me fitando. Um bebê começou a chorar. Outra criança soluçou.

Em breve. Meu coração apertou. *Menos de quatro dias.*

— Responda-me! — Fergus exclamou.

— Não — eu sussurrei.

Ele soltou um fôlego frustrado e segurou o meu queixo, virando-o de um lado para o outro. Olhou para o Steffan, que me segurava.

— Serve como mulher. Ela é sua, Steffan. Deve ser capaz de lhe dar um pirralho ou dois – o meu grão não será desperdiçado.

— Não! — gritei. — Eu não...

O rugido de Jafir seguiu os meus gritos.

— Não pode desonrar o Harik! Ele...

Fergus se virou repentinamente e socou o estômago de Jafir, a força veemente e brutal, fazendo os homens que o seguravam tropeçarem para trás.

Ele o socou de novo nas costelas. Gritei para ele parar. A cabeça de Jafir caiu para o lado, suas pernas colapsando sob ele. A única coisa impedindo-o de cair era os homens que o seguravam. Jafir tossiu, cuspindo sangue.

— Como você me desonrou? — Fergus gritou. Ele segurou os cabelos de Jafir, puxando a cabeça dele para trás, para que ele o olhasse. Os olhos de Jafir continuavam desafiadores.

— Você traiu o clã — Fergus rosnou. — Traiu a mim. Não é meu filho. Assim como Liam não era meu irmão.

Ele ergueu a sua faca até o pescoço de Jafir.

— Não! — gritei. — Espere!

Fergus olhou para mim.

— Harik tinha razão! Eu tenho o saber, e sou poderosa com ele! Eu os levarei com segurança pelas montanhas e além, com uma condição – eu serei a mulher de Jafir. Não de Steffan.

— Cale a boca! — Steffan gritou, me sacudindo.

Fergus sorriu com desdém.

— Olhe para você, menina. Não está em posição para fazer acordos, muito menos colocar condições neles. Você nos guiará seguindo as minhas ordens.

Uma mulher se espremeu passando pelos outros, colocando a mão no ombro de Fergus.

— Dê-lhe o que ela quer, Fergus. Se ela não tiver nenhuma esperança para o fim da viagem, o que a impedirá de nos guiar até o perigo?

— Ou de nos abandonar para morrer no meio da selva? — outra mulher acrescentou. Medo se espalhou pelo resto do clã.

— Calem-se! — gritou Fergus, brandindo sua faca no ar. — Ela fará o que eu disser se quiser viver!

Você fará o que eu disser se quiser viver, eu queria dizer. *Eu já tinha visto vocês todos mortos daqui a apenas quatro dias.* Mas segurei a minha língua, porque os movimentos dele eram fanáticos e ele ainda segurava a faca na sua mão.

Um homem deu um passo para frente. Ele era mais alto e mais velho do que Fergus.

— Seria bom para todos nós ter alguém do tipo dela para nos guiar — ele disse — mas Laurida tem razão, se a menina não tiver esperança em ganhar uma recompensa, isso poderá nos levar até a nossa ruína.

Fergus deu alguns passos como se pesasse as palavras do homem, e guardou a sua faca. Ele analisou o seu clã e os seus olhares preocupados, e depois andou de volta até mim, mexendo no meu cabelo.

— Muito bem, Morrighan dos Remanescentes. Eu farei um acordo com você. Se nos guiar com segurança para um lugar que eu escolher e se me agradar pelo caminho com a sua prestavidade, no fim da viagem você será de Jafir. Se não, será de Steffan. Concorda com isso, sem discussões?

Eu sabia que não havia forma de agradar este homem. Ele nunca concordaria com a minha condição, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Se eu concordasse, isso daria a mim e a jafir mais tempo — e para todos aqueles que seguiam Fergus também.

— Sim — respondi.

Ele mamdou que Steffan me soltasse, e então se virou para os homens que seguravam Jafir e acenou. Eles soltaram os braços dele, e ele caiu no cão, tossindo. Corri até ele e me abaixei ao seu lado. A respiração dele falhou, e ele segurou as costelas. Coloquei a cabeça dele no meu colo, limpando o sangue da boca dele com a minha saia.

— Morrigan... — ele começou a protestar, mas coloquei um dedo nos lábios dele. Ele sabia o que eu sabia. O pai dele não me daria nada.

— Shh — sussurrei. A minha visão se embaçou por causa das lágrimas e eu me abaixei para ter a certeza de que ninguém mais me escutaria. — Por agora, é uma solução. Uma solução para nós. Eu te amo, Jafir de Aldrid. Eu sempre amarei.

Olhei para trás para Fergus. Ele e Steffan já estavam de pé ombro a ombro, os olhos brilhando com vitória. O clã estava satisfeito, e ele ainda ganhava o que queria. No momento este acordo, mesmo que passageiro, comprara tempo para

mim e Jafir. A única coisa que eu tinha certeza era que no fim desta viagem eu seria a mulher Jafir de Aldrid.

Capítulo 21

MORRIGHAN

Eu tinha dezoito anos quando nós finalmente chegamos a um lugar para ficar. Um lugar onde frutas do tamanho de punhos pendiam das árvores e uma linha de azul se alongava no horizonte, até não conseguimos ver mais.

Fora uma longa jornada. Em escala maior do que qualquer coisa que um de nós jamais teria imaginado. Aquele território selvagem uivava com a solidão daquele lugar, carregando os choros dos mortos.

Às vezes a comida era tão escassa quanto a coragem. Havia dias em que eu os mantinha vivos com gramíneas, casca de árvores e esperança enganosa. Eu mentia para mantê-los em movimento, um passo depois do outro. Contava histórias para as crianças para mantê-las ocupadas e fazerem-nas esquecer de seus medos. Eu não sabia se existia um deus ou quatro, mas rezava para qualquer um que me escutasse. Eles sussurravam de volta. Nos ventos, em um vislumbre de luz, cores dançavam atrás das minhas pálpebras. Palavras roçando meu pescoço e se aninhando em minha coragem. *Continue*. A minha forma de saber era silenciosa, suave e confiante, um ouvir que às vezes não era o suficiente para a mão de Fergus. Se não era o meu rosto que sofria o preço, era Jafir, ou qualquer pessoa que estivesse perto o suficiente.

Eu sentia falta da gentileza da minha tribo, e havia momentos quando eu pensava que já não aguentaria mais, mas Ama tinha razão. Era na dor, no medo, na necessidade, que o saber ganhava asas, e eu tinha muito disso. Eu me lembrei daquela menina de oito anos que eu costumava ser, aquela que se acovardava entre as pedras querendo morrer. Nos meus vários anos com a tribo, pensei que tivesse conhecido o medo. Pensava que tivesse conhecido a perda.

Eu não tinha.

Não das formas que eu conhecia agora.

Desespero ganhou dentes. Garras. Se transformou em um animal dentro de mim que não conhecia limites, indescritível, tal como Jafir tentara explicar muito tempo atrás. Isto abriu e libertou todos os meus pensamentos mais sombrios, deixando-os se desdobrarem-se como asas negras.

Quando a jornada estava por acabar, Fergus falou o que eu sempre soube.

Eu sempre fui prometida a Steffan. Jafir tinha que pagar pela sua traição. Fergus me dar o que eu pedira era o mesmo que dar poder, e poder era o mais importante para ele, ainda mais agora que eu tinha lhe dado um mundo novo e fresco, um mundo sem limites ao seu alcance.

Não havia dúvidas em minha mente sobre o que eu deveria fazer. Eu já tinha planeado tudo há messes. Eu matei Steffan primeiro. Ele me puxara possessivamente no momento em que Fergus anunciara a sua decisão, mas em um movimento que eu já tinha praticado bastante, enterrei minha adaga em sua garganta, e ele arquejou por ar inutilmente. Quando Steffan caiu morto aos meus pés, Fergus saltou para mim, mas Jafir já estava pronto e o matou com um arremesso veloz em seu coração. Ninguém lamentou a perda de Fergus e Steffan, e Piers declarou Jafir como chefe do clã.

— Aqui está — Jafir disse enquanto finalmente via as montanhas verdes e vinhas de frutas. — É tudo eu, Morrighan. Você nos trouxe até aqui.

Ele esticou a mão para o alto, pegou um punhado de céu azul e colocou na palma da minha mão.

— Nosso, Jafir — eu respondi.

Caí de joelhos e chorei por todos os dias, semanas, meses — e pela perda daqueles que não tinham terminado a jornada conosco. Laurida, Tory, e o bebê Jules. Chorei por todos aqueles que eu nunca mais veria. Ama e a minha tribo.

Chorei pelas crueldades.

Jafir se ajoelhou ao meu lado, e nós agradecemos, rezando para que isto fosse realmente o fim, rezando para que fosse aquele novo começo que tínhamos buscado.

Nós nos levantamos e assistimos enquanto o clã corria na nossa frente até o vale que seria o nosso lar. Jafir colocou a mão na pequena coisinha que crescia em minha barriga e sorriu.

A nossa esperança.

— Nós fomos abençoados pelos deuses — ele falou. — As crueldades do mundo estão para trás agora. A nossa criança nunca as conhecerá.

Fechei os meus olhos, querendo acreditar nele. Querendo esquecer o sangue que foi derramado pelas nossas mãos, querendo começar do começo, tal como a minha tribo fizera naquele pequeno vale tanto tempo atrás, querendo acreditar que desta vez a nossa paz duraria.

E então eu ouvi aquela voz tão familiar, uma que eu já tinha ouvido muitas vezes, me chamando.

Dos quadris de Morrighan,

Nascerá a esperança.

Nos seus calcanhares veio um sussurro de um nome que sempre esteve além do meu alcance, não era meu ainda para escutá-lo, mas eu sabia que um dia os filhos dos meus filhos ou quem viesse depois o escutaria.

Um dia a esperança teria um nome.